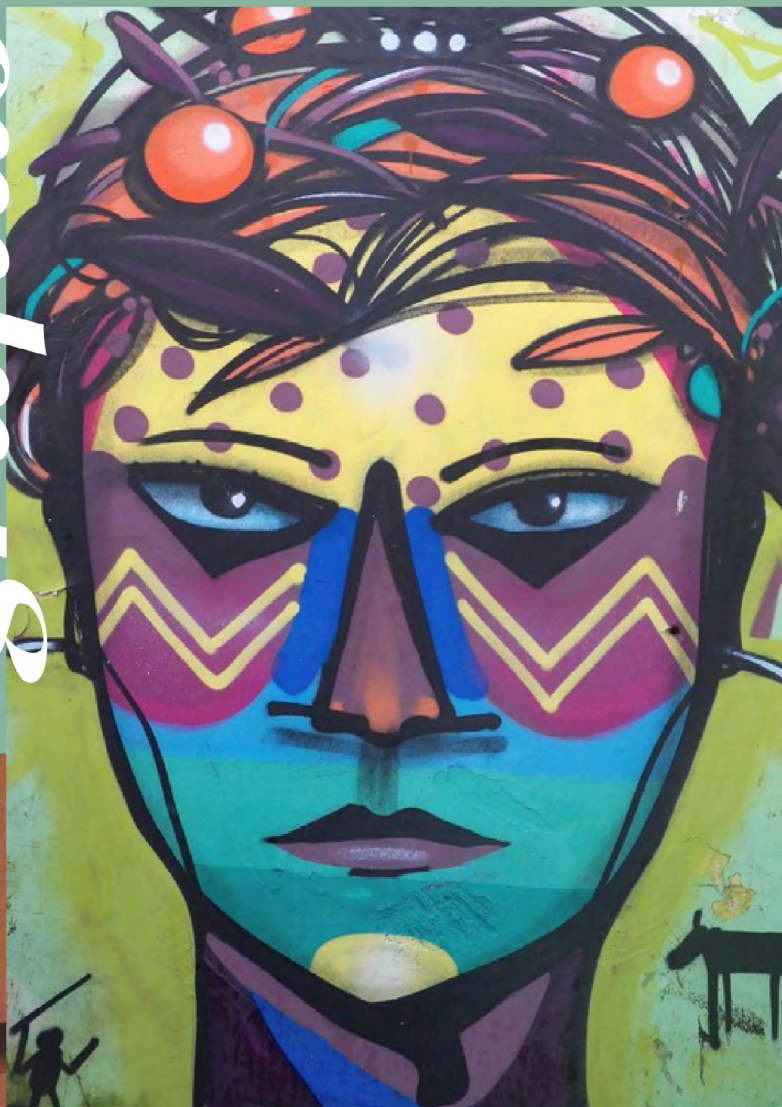


foto crono- grafias



CARTAS AOS NARRADORES
URBANOS: ETNOGRAFIA DE RUA
NA PORTO ALEGRE DAS
INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS

vol. 02 num. 03





Editoras

Ana Luiza Carvalho da Rocha, UFRGS Brasil
Cornelia Eckert, UFRGS, Brasil

Comissão Editorial

Angela de Souza Torresan, University of Manchester, Inglaterra
Carlos Masotta, UBA, Argentina
Carmen Sílvia de Moraes Rial, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Christine Louveau de la Guigneraye, Centre Pierre Neville, Université d'Évry-Val-d'Essonne, Maître de conférences en communication, França
Daniel Daza Prado, IDES, Argentina
Daniel S Fernandes—UFPA, Universidade Federal do Pará—Campus Bragança
Fabrício Barreto, Universidade Federal de Pelotas, Brasil
Fernando de Tacca, Unicamp, Brasil
Flávio Leonel da Silveira, Universidade Federal do Pará, Brasil
Gisela Canepá Koch, Departamento de Ciencias Sociales de la Pontificia Universidad Católica del Perú, Perú
Jesus Marmanillo, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
João Braga de Mendonça, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Luciano Magnus de Araújo, Universidade Federal do Amapá, Brasil
Luiz Eduardo Achutti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Milton Guran
Paula Guerra, Universidade do Porto, Portugal
Renato Athias, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Rumi Kubo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Sarah Pink Instituto Real de Tecnologia de Melbourne, Austrália
Sylvaine Conord, Université Nanterre, França

Apoio Técnico

Matheus Cervo, bolsista de iniciação científica em BIEV UFRGS
Felipe da Silva Rodrigues, bolsista de inovação tecnológica em BIEV UFRGS
Marcelo Fraga, bolsista voluntário em BIEV UFRGS



www.ufrgs.br/biev/
medium.com/fotocronografias
fotocronografia@gmail.com
+55 (51) 3308 7158

vol. 02 num. 03

foto *crono* grafias

CARTAS AOS NARRADORES
URBANOS: ETNOGRAFIA DE
RUA NA PORTO ALEGRE DAS
INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS

2017

Fotos da Capa: Marina Bordin, Marielen Baldissera

ISSN: 2595-3559



Vol. 02 num. 03 - 2017 - Carta aos Narradores Urbanos

Sumário

Apresentação

Ana Luiza Carvalho da Rocha
Cornelia Eckert

- 06

Organização

Ana Luiza Carvalho da Rocha
Cornelia Eckert

Editoração

Felipe da Silva Rodrigues
Matheus Cervo

Eckert&Rocha

Fotografias: Camila Braz da Silva, Cornelia Eckert, Diogo Dubiela, Fabrício Barreto, Felipe Rodrigues, Guillermo Gómez, Javier Calixto, José Luís Abalos Junior, Marielen Baldissera, Marina Bordin, Nicole Rigon, Roberta Simon, Rumi Kubo, Yuri Rapkiewicz
Curadoria: Rafael Derois
Professores visitantes: Ricardo Campos, Marian Moya
Pesquisadores que colaboraram: Adauany Zimovsky, Débora Wobeto, Jeniffer Cuty, Juana Cabrera, Leonardo Palhano, Manoel da Rocha, Manoela Laitano, Rafael Pflug, Thainan Piuco
Mediadores: Ana Paula Monjeló, André Venzon, Clara Freund, Tridente (Luiz Vargas)

- 10

José Magnani

Fotografias: Camila Braz da Silva, Cornelia Eckert, Diogo Dubiela, Fabrício Barreto, Felipe Rodrigues, Guillermo Gómez, Javier Calixto, José Luís Abalos Junior, Marielen Baldissera, Marina Bordin, Nicole Rigon, Roberta Simon, Rumi Kubo, Yuri Rapkiewicz
Curadoria: Rafael Derois
Professores visitantes: Ricardo Campos, Marian Moya
Pesquisadores que colaboraram: Adauany Zimovsky, Débora Wobeto, Jeniffer Cuty, Juana Cabrera, Leonardo Palhano, Manoel da Rocha, Manoela Laitano, Rafael Pflug, Thainan Piuco
Mediadores: Ana Paula Monjeló, André Venzon, Clara Freund, Tridente (Luiz Vargas)

- 24

Walter Benjamin

Fotografias: Camila Braz da Silva, Cornelia Eckert, Diogo Dubiela, Fabrício Barreto, Felipe Rodrigues, Guillermo Gómez, Javier Calixto, José Luís Abalos Junior, Marielen Baldissera, Marina Bordin, Nicole Rigon, Roberta Simon, Rumi Kubo, Yuri Rapkiewicz
Curadoria: Rafael Derois
Professores visitantes: Ricardo Campos, Marian Moya
Pesquisadores que colaboraram: Adauany Zimovsky, Débora Wobeto, Jeniffer Cuty, Juana Cabrera, Leonardo Palhano, Manoel da Rocha, Manoela Laitano, Rafael Pflug, Thainan Piuco
Mediadores: Ana Paula Monjeló, André Venzon, Clara Freund, Tridente (Luiz Vargas)

- 40

Michel de Certeau

Fotografias: Camila Braz da Silva, Cornelia Eckert, Diogo Dubiela, Fabrício Barreto, Felipe Rodrigues, Guillermo Gómez, Javier Calixto, José Luís Abalos Junior, Marielen Baldissera, Marina Bordin, Nicole Rigon, Roberta Simon, Rumi Kubo, Yuri Rapkiewicz
Curadoria: Rafael Derois
Professores visitantes: Ricardo Campos, Marian Moya
Pesquisadores que colaboraram: Adauany Zimovsky, Débora Wobeto, Jeniffer Cuty, Juana Cabrera, Leonardo Palhano, Manoel da Rocha, Manoela Laitano, Rafael Pflug, Thainan Piuco
Mediadores: Ana Paula Monjeló, André Venzon, Clara Freund, Tridente (Luiz Vargas)

- 56

Foote Whyte

Fotografias: Camila Braz da Silva, Cornelia Eckert, Diogo Dubiela, Fabrício Barreto, Felipe Rodrigues, Guillermo Gómez, Javier Calixto, José Luís Abalos Junior, Marielen Baldissera, Marina Bordin, Nicole Rigon, Roberta Simon, Rumi Kubo, Yuri Rapkiewicz
Curadoria: Rafael Derois
Professores visitantes: Ricardo Campos, Marian Moya
Pesquisadores que colaboraram: Adauany Zimovsky, Débora Wobeto, Jeniffer Cuty, Juana Cabrera, Leonardo Palhano, Manoel da Rocha, Manoela Laitano, Rafael Pflug, Thainan Piuco
Mediadores: Ana Paula Monjeló, André Venzon, Clara Freund, Tridente (Luiz Vargas)

- 70

Colette Petonnet

Fotografias: Camila Braz da Silva, Cornelia Eckert, Diogo Dubiela, Fabrício Barreto, Felipe Rodrigues, Guillermo Gómez, Javier Calixto, José Luís Abalos Junior, Marielen Baldissera, Marina Bordin, Nicole Rigon, Roberta Simon, Rumi Kubo, Yuri Rapkiewicz
Curadoria: Rafael Derois
Professores visitantes: Ricardo Campos, Marian Moya
Pesquisadores que colaboraram: Adauany Zimovsky, Débora Wobeto, Jeniffer Cuty, Juana Cabrera, Leonardo Palhano, Manoel da Rocha, Manoela Laitano, Rafael Pflug, Thainan Piuco
Mediadores: Ana Paula Monjeló, André Venzon, Clara Freund, Tridente (Luiz Vargas)

- 84

Ricardo Campos

Fotografias: Camila Braz da Silva, Cornelia Eckert, Diogo Dubiela, Fabrício Barreto, Felipe Rodrigues, Guillermo Gómez, Javier Calixto, José Luís Abalos Junior, Marielen Baldissera, Marina Bordin, Nicole Rigon, Roberta Simon, Rumi Kubo, Yuri Rapkiewicz
Curadoria: Rafael Derois
Professores visitantes: Ricardo Campos, Marian Moya
Pesquisadores que colaboraram: Adauany Zimovsky, Débora Wobeto, Jeniffer Cuty, Juana Cabrera, Leonardo Palhano, Manoel da Rocha, Manoela Laitano, Rafael Pflug, Thainan Piuco
Mediadores: Ana Paula Monjeló, André Venzon, Clara Freund, Tridente (Luiz Vargas)

- 98

Hélio Silva

Fotografias: Camila Braz da Silva, Cornelia Eckert, Diogo Dubiela, Fabrício Barreto, Felipe Rodrigues, Guillermo Gómez, Javier Calixto, José Luís Abalos Junior, Marielen Baldissera, Marina Bordin, Nicole Rigon, Roberta Simon, Rumi Kubo, Yuri Rapkiewicz
Curadoria: Rafael Derois
Professores visitantes: Ricardo Campos, Marian Moya
Pesquisadores que colaboraram: Adauany Zimovsky, Débora Wobeto, Jeniffer Cuty, Juana Cabrera, Leonardo Palhano, Manoel da Rocha, Manoela Laitano, Rafael Pflug, Thainan Piuco
Mediadores: Ana Paula Monjeló, André Venzon, Clara Freund, Tridente (Luiz Vargas)

- 112

Referências

- 127



Vol. 02 num. 03 - 2017 - Cartas aos narradores urbanos: Etnografia de rua na Porto Alegre das intervenções artísticas

Esta expografia apresenta a pesquisa antropológica desenvolvida em 2017 pela equipe de alunos e professores do Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL- UFRGS). O contexto é Porto Alegre; a motivação intelectual, o diálogo com autores que, de alguma forma, exaltam as experiências de deslocamento na cidade para colecionar imagens que nascem da observação, da escuta, de sua captação pela ação etnográfica de pesquisadores, e seus registros tecnológicos (fotografia, vídeo, som). A leitura das obras resenhadas orienta a equipe na construção de categorias interpretativas, um campo semântico que nos estimula na ordenação das figuras em constelações de imagens.

*Letters to urban narrators:
Street ethnography in Porto Alegre of artistic interventions*

This expographic exhibition presents the anthropological research developed in 2017 by a team of students and teachers of the Nucleus of Visual Anthropology (NAVISUAL-PPGAS-UFRGS). Porto Alegre/Brazil is the context. Intellectual motivation is the dialogue with authors that somehow explained the experience of displacement in the city to collect images from observation and from listening, captured by the ethnographic researchers and from technological records (photography, video, sound).

A equipe homenageia nove narradores urbanos, a quem redige cartas que recitam a experiência da pesquisa. Esta consistiu em quatro saídas a campo, em quatro territorialidades na cidade de Porto Alegre, que, em comum, se beneficiaram com a presença de intervenções artísticas, as artes-cidade. Para percorrer ruas e passagens, e para nos deslocar nas paisagens que fazem palpitar a vida urbana, convidamos artistas de rua, ou coordenadores de projetos artísticos, para partilharem com nossa equipe suas reflexões. Acompanhados por esses interlocutores, descobrimos novas formas de perceber a cidade: a Porto Alegre das intervenções artísticas.

Convidados pelo programa de extensão do Departamento de Difusão Cultural da UFRGS e sob a curadoria do técnico administrativo e antropólogo Rafael Derois dos Santos, compartilhamos com os flâneurs, no espaço da Reitoria, esta exposição da UNIFOTO, DDC, UFRGS.

Interpretative books guide the team in the reading of the reviewed works, in a semantic field that stimulates us in putting the figures in new order of images. The team pays homage to nine urban storytellers, and write to them letters in which they recite the research experience, which consisted of four field trips, in four regions of Porto Alegre, accompanied by the common presence of artistic interventions and from the arts-city.

In order to walk the streets, the squares or places, and to move in the landscapes that could make thrill the urban life, we invite street artists, or coordinators of artistic projects, to share with our team their reflections.

Accompanied by them, we discovered new ways of feeling the city: a Porto Alegre of artistic interventions.

We were invited by the extension program of the Department of Cultural Diffusion of UFRGS and, under the curatorship of the administrative technician and anthropologist Rafael Derois dos Santos, we shared with “flâneurs” this exhibition of UNIFOTO, DDC, UFRGS, in the space of the Rectory of the university



Fotografias: Camila Braz da Silva, Cornelia Eckert, Diogo Dubiela, Fabrício Barreto, Felipe Rodrigues, Guillermo Gómez, Javier Calixto, José Luís Abalos Junior, Marielen Baldissera, Marina Bordin, Nicole Rigon, Roberta Simon, Rumi Kubo, Yuri Rapkiewicz

Curadoria: Rafael Derois

Professores visitantes: Ricardo Campos, Marian Moya
Pesquisadores que colaboraram: Adauany Zimovsky, Débora Wobeto, Jeniffer Cuty, Juana Cabrera, Leonardo Palhano, Manoel da Rocha,

Manoela Laitano, Rafael Pflug, Thainan Piuco
Mediadores: Ana Paula Monjeló, André Venzon, Clara Freund, Tridente (Luiz Vargas)



Porto Alegre, 8 de novembro de 2017

Prezadas amigas e mestras Cornelia Eckert e AnaLuiza Rocha, ou simplesmente Chica e Ana

É com grande emoção e sentimento de gratidão que escrevemos esta carta-desafio, que nos convida a percorrer nossa cidade e a nela habitar. Remetendonos ao poeta que tão bem canta nossas raízes, diremos, com suas palavras, que “caminharemos nossos sapatos por Porto Alegre”¹, exercitando a ótica proustiana, benjaminiana, certaniana, magnaniana, e tantas outras referências que habitam nossa constelação de imagens, que seguem as trilhas dos autores e dos narradores urbanos que guiam nosso fazer etnográfico na cidade. Fomos sendo conduzidos/as, assim, a vivenciar essa cidade que habitamos e nos habita, que construímos e nos constitui. Em uma instigante cognição recíproca, a experiência de nos deslocar na cidade de nossa pertença nos surpreende com suas perplexidades, identidades e rupturas, continuidades e descontinuidades que ritmam nosso esforço reflexivo com imagens, sensações, lembranças, vozes, vivências.

Porto Alegre, 8 November 2017

Dear friends and teachers Cornelia Eckert and Ana Luiza Rocha, who we know as Chica and Ana

It is with great emotion and a sense of gratitude that we write this challenge-letter, which invites us to move through our city and inhabit it. In the words of a poet who sings so well of our roots, we say that “we walk in our shoes for Porto Alegre”¹, exercising the perspective of Proust, Benjamin, Certan, Magnani and so many other references who inhabit our constellation of images, which follow the trails of urban authors and narratives who guide our ethnographic conduct in the city. This is how we were led to experience this city that we inhabit and which inhabits us, which we build and builds us. In an instigating reciprocal cognition, the experience of moving through the city to which we belong surprised us with its perplexities, identities and ruptures, continuities and discontinuities that give rhythm to our reflexive effort with images, sensations, memories, voices and experiences.

Um grupo em formação em antropologia audiovisual, mais um em vossa trajetória de transmissão da aprendizagem afetiva como coordenadoras do Navisual e do Biev (projetos que vocês coordenam no Programa de Pós-Graduação em Antropologia). Mais uma vez, motivados pelo projeto de produção antropológica com imagens, nos aventuramos pela etnografia de rua. Desta vez, instigados pelo conhecimento dos saberes e práticas dos artistas de rua, e suas inscrições no contexto urbano. Foram quatro caminhadas, aparentemente fortuitas, despreziosas, mas, na realidade, cuidadosamente escolhidas com nossos interlocutores-guias, que se propuseram nos mostrar a cidade a partir de suas óticas, de sua agência, enquanto artistas da e na cidade. Cada percurso foi conduzido por um(a) interlocutor(a), propiciando-nos uma caminhada de conhecimento e reconhecimento de uma cidade específica—a nossa Porto Alegre -, mas que também nos permitiu estabelecer conexões com tantas outras cidades em seus centros e periferias, seus fluxos e hibridismos (Lisboa, Berlim, Nova Iorque, São Paulo, Paris), num jogo entre circuitos locais e globais. Permitiram-nos olhar para esta cidade cotidianamente desenhada a partir de grandes e pequenas intervenções, do pixo, dos lambes, das colagens, das pinturas murais, acionando as mais variadas técnicas, as mais diferentes motivações políticas e ativismos, resultando em formas cotidianas de resistência e persistência da e na cidade. Essa efusão de imagens e motivações permitiu-nos lembrar as camadas de sentidos que configuram a ambiência urbana, de que vocês reiteradamente nos falam. No livro *Etnografia de rua*, vocês nos desafiam a caminhar, observar, escutar, interagir, fotografar, gravar, videografar. É, sim, nosso guia para o movimento de nossos corpos e de nossa atenção, de nossos saberes e de nossas práticas nas ruas que nos acolhem, descobrindo, nas paisagens polissêmicas, os rastros da ação imaginante de habitantes artistas, e suas vivências na cidade.

*We are a group of students in audiovisual anthropology, one more in your trajectory of transmission of affectionate learning as coordinators of the Audio Visual Anthropology Nucleus and of the Database of Images and Visual Effects (BIEV) (projects that you coordinate in the Graduate Program in Social Anthropology). Once again, motivated by a proposal or anthropological production through images, we ventured through street ethnography. This time, instigated by the knowledge and practices of street artists, and their inscriptions in the urban context. We took four walks that were apparently fortuitous and unpretentious, but, in reality, were carefully chosen and had interlocutors and guides who showed us the city through their eyes, their agency, as artists of and in the city. Each route was led by an interlocutor helped us get to know and recognize a specific city – our Porto Alegre – but which also allowed us to establish connections with so many other cities and their centers and peripheries, their flows and hybridisms (Lisbon, Berlin, New York, São Paulo, Paris), in an interplay between local and global circuits. They allowed us to look at this city which is designed each day by large and small interventions, of pixo, lambes, colagens [graffiti and pasted art forms] and wall painting, using a wide variety of techniques, with a wide variety of political motivations and activisms, resulting in daily forms of resistance and persistence in the city. This effusion of images and motivations allowed us to recall the layers of feelings that shape the urban ambience, of which you repeatedly spoke to us. In the book *Etnografia de rua* [Street Ethnography], you challenged us to walk, observe, listen, interact, photograph, record audio and shoot video. This book is our guide to the movement of our bodies and our attention, of our knowledge and practices in the streets that host us, allowing us to discover, in the polysemic landscapes, the traces of actions of the imagination of artist residents and their experiences in the city.*

Nessa caminhada, dialogada com nossos interlocutores, mostra-se o paciente e microscópico trabalho do artista de "esculpir o tempo"², conformando um olhar sobre a cidade. É sobre este trabalho do artista que se constrói o do etnógrafo. Com isso, percebemos que ele, o etnógrafo, também é um artista em sua arte de narrar. Aprendemos isso com vocês: que etnografia deve ser feita com inspiração (e muito prazer) e, sobretudo—nisto vocês insistiram—a valorizar e a trazer para a centralidade do método etnográfico a dimensão estética e sensível do fazer antropológico.

A partir desta experiência, gostaríamos, também, de falar de um aspecto que é constitutivo da trajetória profissional e acadêmica de vocês, que sempre nos causa admiração e sentimento de gratidão: o aspecto pedagógico. Nessa perspectiva, remetemos aos Núcleos de Pesquisa Navisual, Biev e à Galeria Olho Nu. Essas instituições que, em seu conjunto, representam um modo de vocês fazerem e pensarem suas pesquisas, contemplam seu tradicionais elementos—a reflexão e a produção acadêmica -, mas guardam um aspecto fundamental, o de que essas caminhadas são o maior exemplo, ou seja, a possibilidade do aprender praticando, sem esquecer do esforço coletivo de construir, sobre a experiência, um gênero narrativo que rompe com uma ideia linear de memória. E vocês, que nos propõem e acompanham, também estão em campo conosco. Semanalmente, sabemos que, no espaço do Navisual, às terças-feiras, temos a tarde toda para nos encontrar, ver imagens, discutir textos, construir narrativas audiovisuais. Trata-se de um espaço para praticar teorias em ato, aprendendo o mais importante, que é como durar no tempo; identificamos uma proposta, planejamos e a executamos ao longo de um ou dois semestres. A presente exposição representa um momento de finalização de um destes projetos.

This walk, in dialog with our interlocutors, displayed the patient and microscopic artist's work of "sculpting time"², shaping a look at the city. It is upon this work of the artist that the work of the ethnographer is constructed. We thus perceive that ethnographers are also artists of narration. We learned this with you: that ethnography must be done with inspiration (and great pleasure) and above all – on this you insisted – to emphasize the aesthetic and sensitive dimension of anthropological work and make it central to the ethnographic method.

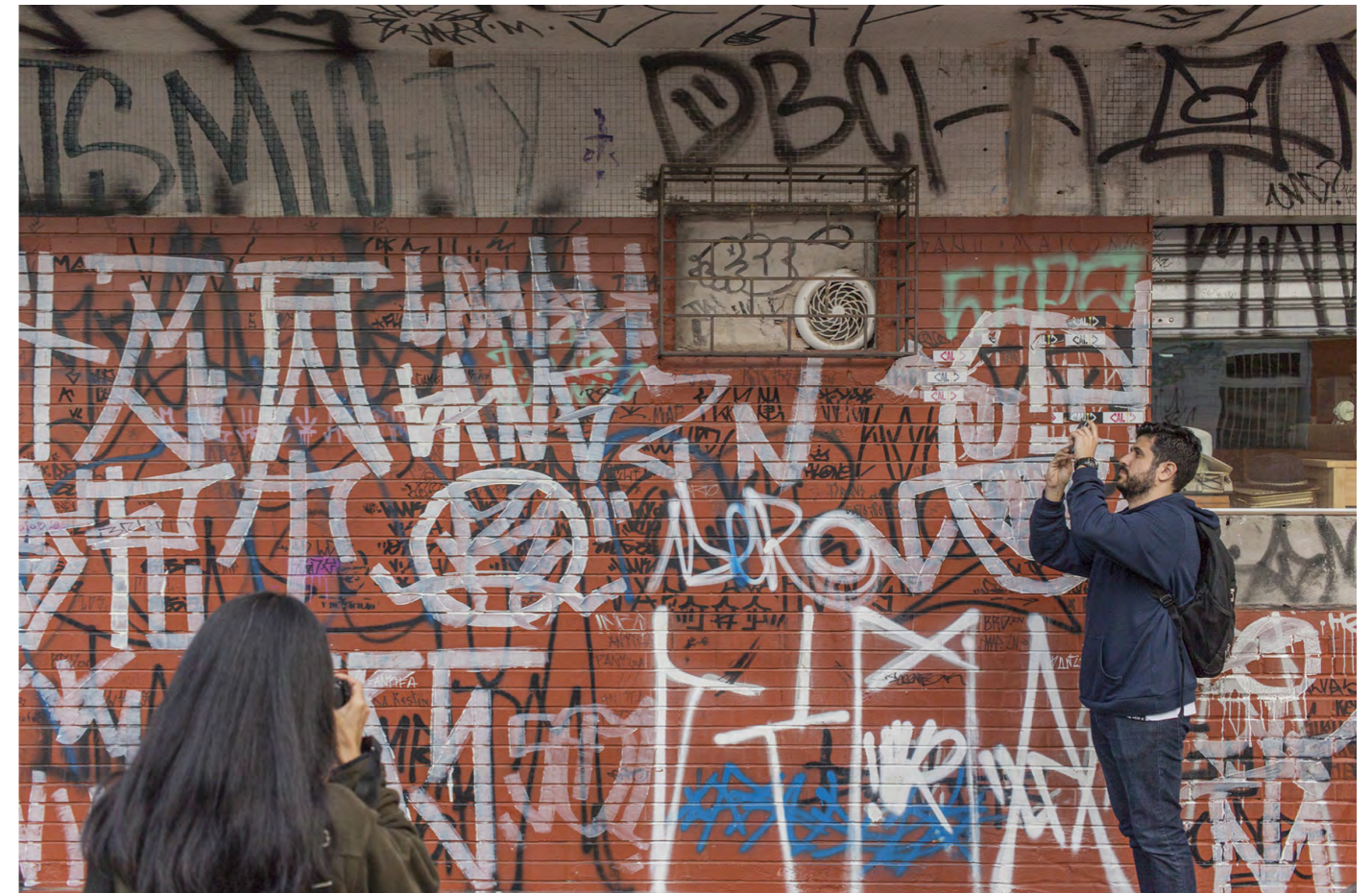
Based on this experience, we would also like to speak of an aspect that helped shape your professional and academic trajectory, which we have always admired and felt grateful for: the pedagogical factor. This perspective is reflected in the Audio Visual Research Nucleus, The Database of Images and Visual Effects (BIEV) and the Galeria Olho Nu [Naked Eye Gallery]. As a group, these institutions represent the way that you conduct and think of your studies, and contemplate their traditional elements – academic reflection and production. But they also contain an essential aspect, of which these walks are the best example. That is, the opportunity to learn through practice, without forgetting the collective effort of constructing, based on experience, a narrative genre that breaks with a linear idea of memory. And you, who accompany us and make proposals to us, are also in the field with us. Each Tuesday, we know that in the space of Navisual, we have the whole afternoon to find and see images, to discuss texts and construct audiovisual narratives. It is a space for practicing theories through action, learning what is most important, which is how to endure over time. We identify a proposal, we plan and execute it for one or two semesters. This exhibition represents the finalization of one of these projects.

1 Remetendo à música "Sapatos em Copacabana", de Vitor Ramil.

1 A referência to the song "Sapatos em Copacabana" [Shoes of Copacabana], by Vitor Ramil.

2 Remetendo a obra do cineasta Andrei Tarkovsky.

2 Referring to the work of filmmaker Andrei Tarkovsky.





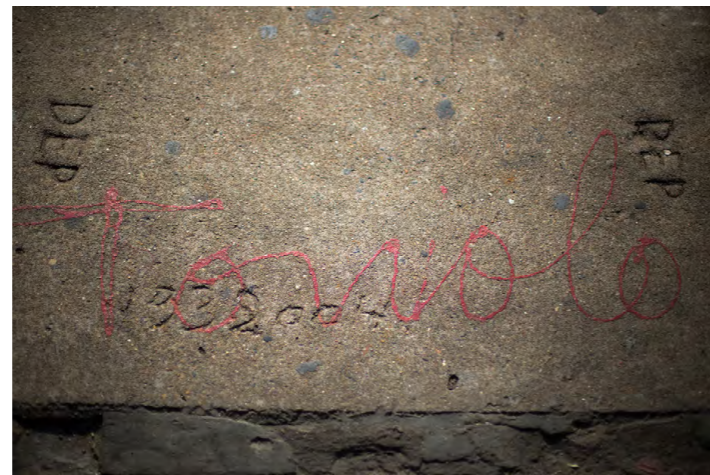
CUIDADO!
Cães

CHA 15123

CHA
NOSSA TERRA 157







José Magnani

Fotografias: Camila Braz da Silva, Cornelia Eckert, Diogo Dubiela, Fabrício Barreto, Felipe Rodrigues, Guillermo Gómez, Javier Calixto, José Luís Abalos Junior, Marielen Baldissera, Marina Bordin, Nicole Rigon, Roberta Simon, Rumi Kubo, Yuri Rapkiewicz

Curadoria: Rafael Derois

Professores visitantes: Ricardo Campos, Marian Moya

Pesquisadores que colaboraram: Adauany Zimovsky, Débora Wobeto, Jeniffer Cuty, Juana Cabrera, Leonardo Palhano, Manoel da Rocha,

Manoela Laitano, Rafael Pflug, Thainan Piuco

Mediadores: Ana Paula Monjeló, André Venzon, Clara Freund, Tridente (Luiz Vargas)

Porto Alegre, 31 de outubro de 2017

Salve Magnani!

Votos de que esta carta te encontre bem. Te escrevemos por identificar, em tua obra, a maestria da etnografia na cidade. Como estudantes de antropologia audiovisual a favor da etnografia, implicados no contexto urbano, em nosso processo de formação realizamos saídas a campo pelas ruas e avenidas da metrópole, inspirados, entre outros, por teus ensinamentos. Observamos as dinâmicas do viver na cidade de perto e de dentro, de longe e de fora. Partimos para a prática da etnografia como experiência coletiva de reconhecer os tempos e lugares do viver urbano como totalidade em múltiplos planos e escalas. Delineamos circuitos e pontos de contato, objetivando, na captação do mundo sensível, os movimentos e processos que articulam e são articulados nos fluxos e lógicas da cidade. Nesse aparente caos urbano, cheio de polifonias e contrastes, tentamos, através de nossos deslocamentos, reconhecer as solidariedades ou os conflitos, os movimentos sociais ou as resiliências individuais, os anônimos e os habitués, etc.

Porto Alegre, October 31, 2017

Greetings Magnani

I hope that this letter finds you well. We are writing because your work exhibits mastery in urban ethnography. As students of the use of audiovisual anthropology to support ethnography in urban contexts, we conduct field trips through the streets and avenues of the metropole, inspired by your teachings and that of others. We observed the dynamics of living in the city from close up and from the inside, from afar and from the outside. We turned to a practice of ethnography as a collective experience of recognizing the times and places of urban life as a totality in multiple planes and scales. We delineate circuits and points of contact, and in capturing the sensitive world, we focus on movements and processes that are articulated in the flows and logics of the city. In this apparent urban chaos, ripe with polyphonies and contrasts, during our movements we attempt to recognize solidarities and conflicts, social movements and individual resilience, the anonymous and the habitués.



Entre os nossos narradores, certamente tu és o mais cosmopolita, uma formiga perdida na metrópole estudando as outras formigas na maior mancha de cimento do mapa do Brasil: a grande São Paulo. Deperto e de dentro, teus escritos nos demovem da ideia de que cidade seja apenas enfrentar o desconhecido, o anonimato, o desencontro e a fragmentação. Pelo que contigo aprendemos, observamos configurarem-se pórticos nos espaços de passagem entre um ponto e outro. Reconhecemos pedaços nas imagens que reverberam formas de interação, redes de sociabilidade entre seus habitués. Ou então cruzamos territórios complexos, as manchas em que as individualidades performatizam ações estéticas, éticas ou simplesmente jogam o social, para lembrar de Georg Simmel.

Nosso primeiro percurso de saída a campo foi no bairro Cidade Baixa, um pedaço do centro histórico, que antes abrigava a Ilhota, um quilombo negro no coração da cidade. Pouco restou no bairro para contar essa história. Hoje, é um bairro residencial tranquilo durante o dia (fora quando há os carnavais de rua) e a noite, uma das regiões mais boêmias de Porto Alegre. Esta forma de ocupação do espaço está longe de ser negociada, ainda que a história da boemia do bairro seja longa. O conflito é frequente entre os moradores, a prefeitura, os bares e os frequentadores. Como se a briga já não fosse grande, ainda há um elemento que desperta discordâncias no pedaço: a prática do grafitar.

O grafite da Cidade Baixa, em geral, possui a característica marcante do ilegal: escritos, assinaturas, mensagens, letras pictóricas, bongs e tags. Ainda que sejam marcantes por todo o bairro, existem ruas que formam trajetos específicos, mais afetivos para os grafiteiros. Entre o legal e o ilegal, encontramos também enormes painéis de desenhos que disputam a paisagem com fios elétricos, cabos, lixeiras e demais equipamentos urbanos, marcantes por serem tão expostos nas cidades brasileiras.

Among our narrators, you are certainly the most cosmopolitan, an ant lost in the metropole studying the other ants in the largest patch of cement on the map of Brazil: greater São Paulo. From up close and the inside, your writing dissuades us of the idea that to be in the city involves merely confronting the unknown, anonymity, uncrossed paths and fragmentation. With what we have learned from you, we observe that porticos take shape in the spaces of passage between one point and another. We recognize pieces in the images that reverberate forms of interaction and networks of sociability among the habitués. We cross complex territories, the blotches in which individualities perform aesthetic, ethical actions, or to recall Georg Simmel, simply play the social.

The route of our first field trip was through the neighborhood of Cidade Baixa, a part of the historic center of the city that had previously been home to Ilhota, a black quilombo [a settlement of runaway slaves and their descendents] at the heart of the city. Little of it is left to tell this story. Today, it is a residential region, peaceful during the day (except when there are street carnival festivities) and at night, it is one of the most bohemian regions of Porto Alegre. Although the neighborhood has a long bohemian history, its forms of occupation of space lead to frequent conflict among residents, city government, the bars and clients. As if this was not enough, another element triggers even more disputes in the region: the practice of graffiti.

Graffiti in Cidade Baixa is generally marked by illegal characteristics: writing, signatures, messages, pictorial letters, bongs and tags. Although it is prevalent throughout the neighborhood, certain streets are preferred by the graffiti artists and form specific trajectories. Between the legal and the illegal, we also find enormous panels with designs that dispute the landscape with electrical wires, cables, garbage cans and other urban equipment, which stand out because they are so exposed in Brazilian cities.

Apesar dos painéis, o mais característico nesse bairro é o grafite escrito, rápido. A adrenalina acumulada no ato de grafitar se dissolve ao tomar uma cerveja nas ruas mais movimentadas do bairro. Nós nos perguntamos muito sobre quem seriam esses indivíduos. De onde viriam eles? Que propósito teriam? Nessa relação com a urbe, periferia e centro se encontram, denunciando a grande dificuldade de muitos jovens no acesso à cidade e aos espaços de lazer.

O segundo trajeto, no bairro Floresta, contrasta com a Cidade Baixa pela presença do projeto de grafite institucionalizado. Feiras, atividades culturais, economia criativa e percursos de grafites vinculados a políticas culturais, mostram os anseios do antigo bairro industrial em se tornar um polo tecnológico e de lazer. O ZIS Grafite é um exemplo disso. Este projeto visibiliza a ação de atores sociais envolvidos em renovar a paisagem da região.

A terceira saída a campo nos levou mais além do bairro Floresta, para ruas ainda não tão vinculadas a anseios por intervenções culturais. Os grandes galpões vazios da Avenida Voluntários da Pátria, e adjacências, guardam a história de um país que lutou pela industrialização e a vitalidade econômica do distrito. A substituição de importações por produto nacional era vista, até pouco tempo, como um sonho para vencer o subdesenvolvimento, até nos darmos conta da condição de total dependência no mundo capitalista globalizado. Algumas dessas antigas indústrias nacionais destinam-se hoje a shopping centers, ou estão a ponto de se tornar um, e abrigam, curiosamente, lojas multinacionais estrangeiras, além de uma nova gama de usos, que atualmente vem crescendo para esses antigos galpões abandonados, como bares hipsters, ateliês de artistas e coworking.

Although there are quite a few of these panels, the most characteristic element in this neighborhood is the rapid, written graffiti. The adrenaline accumulated in the act of graffiti writing is often dissolved drinking a beer on the busy streets of the neighborhood. We asked many people about who these individuals are. Where do they come from? What are they proposing? In this relationship between the urban, the periphery and the center, many youths are found who denounce the great difficulty of access, to both the city and leisure spaces.

The second trajectory, in the Floresta neighborhood, contrasts with that of the Cidade Baixa by the presence of an institutionalized graffiti project. Street fairs, cultural activities, a creative economy and the graffiti trails encouraged by cultural policies, display the yearnings of the old industrial neighborhood to become a technological and leisure center. ZIS Grafite is an example of this, it is a project that makes visible the action of social actors committed to renovating the region's landscape.

The third field trip led us beyond Floresta, to streets not as closely tied to the yearnings by cultural interventions. The large empty warehouses of the Avenida Voluntários da Pátria and the surrounding streets guard the history of a country that struggled to industrialize and the economic vitality of the district. The substitution of imports for national products was until recently seen as a path for overcoming underdevelopment, until we realized our total dependence on the globalized capitalist world. Some of these old Brazilian factories are now homes to shopping centers, or are about to become one, and curiously house multinational stores. A new range of uses have recently been growing in these old abandoned warehouses, like hipster bars, artists workshops and coworking sites.

Por fim, nosso último trajeto, no Centro Histórico, nos colocou em contato com um dos fenômenos sobre o qual tu mais te debruçaste: a ocupação de espaços públicos. Num primeiro momento, andamos nas proximidades do muro que divide a cidade de seu lago, o muro da Mauá. Ele adquiriu cores a partir de uma ação de arte urbana institucionalizada. Ao mesmo tempo, em puro contraste, sinais de outra forma de grafite também se mostraram. O grande prédio da Ocupação Saraí, em frente ao muro da Mauá, é tomado de frases de resistência e desenhos que indicam, a qualquer desavisado, tratar-se de uma ocupação de moradia. Algumas quadras adiante, encontramos uma antiga escadaria que conecta a rua Fernando Machado com a General João Manoel. Um lugar de passagem que configura um trecho de medo na cidade, escura e abandonada. Dessa vez, nos surpreendemos com uma casa em ruínas, transformada em um “museu de grafite”, junto a ao lado de uma horta comunitária do bairro. Pequenas intervenções de coletivos, que têm buscado pulsionar formas de sociabilidade.

Em nossos circuitos, transitamos por diversos “pedaços”, “manchas” e “pórticos”. Cada espaço nos mostrava, em suas particularidades, diferentes formas de lazer. Acompanhamos transições de temporalidades de um bairro a outro. Alguns tinham nuances juvenis e outros, mais senis. No fluxo de andar e parar, observamos uma sobreposição de imagens e paisagens que tecem a trama do cotidiano na cidade, atribuindo significados a cada um deles. Acessamos esses significados com a sensação de pertencimento e familiaridade, pois tais circuitos dizem muito sobre o cotidiano porto-alegrense de práticas compartilhadas. Amigo Magnani, queremos te agradecer por nos haveres ensinado, com tuas importantes contribuições, a como olhar e pensar a nossa cidade. Esperamos possas desfrutar, através dessa coleção etnográfica de imagens, um pouco de nossa querida Porto Alegre que nos ensinaste a olhar e a reconhecer.

Com carinho,
Equipe do Navisual

Finally, our last trajectory, in the Centro Histórico [the old downtown], put us in contact with one of the phenomenon to which you have given most attention: the occupation of public spaces. At first we walked along the Mauá Wall that divides the city from its waterfront, this wall gained color through an institutional urban art project. Meanwhile, in pure contrast, signs of another form of graffiti have appeared. The large building of the Saraí Occupation, in front of the Mauá Wall, is covered with slogans of resistance and by designs that indicate, to anyone who may not know, that it is occupied by housing squatters.

A few blocks from there we found an old staircase that links the street of Fernando Machado with that of General João Manoel. This passageway is a feared route through the city, as it is dark and abandoned. We were surprised to find a house in ruins that was transformed into a “graffiti museum” alongside a community garden. These are small interventions by collective groups that have sought to impose and propose new forms of sociability.

In our circuits, we traveled through various “pieces”, “blotches” and “porticos”. Each space displayed a different form of leisure. We accompanied transitions of temporalities from one neighborhood to another. Some have youthful nuances, others more senile ones. In the flow of walking and stopping, we observed an overlapping of images and landscapes that weave daily lives in the city, attributing meanings to each of them. We access these meanings with a sense of belonging and familiarity, because these circuits express much about the daily life of Porto Alegre of shared practices. Magnani, we would like to thank you for having taught us, with your important contributions, how to look at and think about our city. We hope you can enjoy, through this ethnographic collection of images, a bit of our dear Porto Alegre, which taught us to look and recognize.

Affectionately,
The members of Navisual





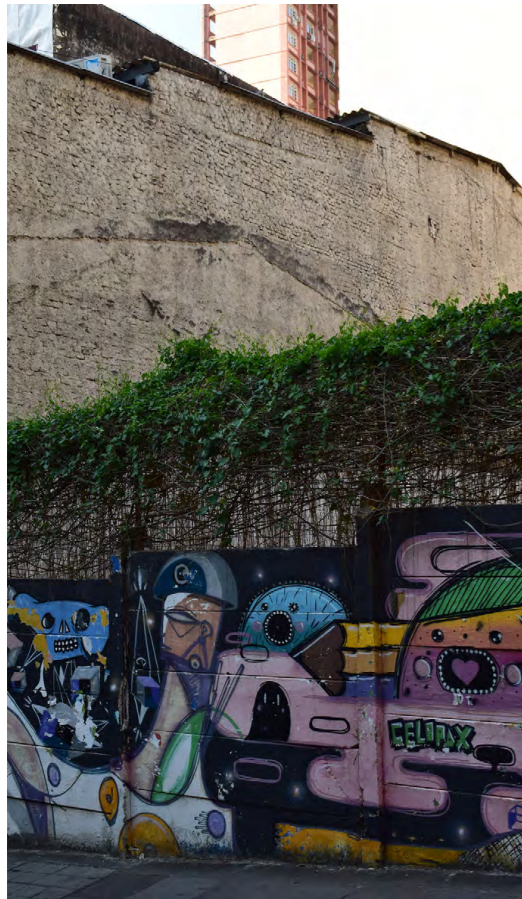


F
O
R
M
A
C

Ipiranga







Walter Benjamin

Fotografias: Camila Braz da Silva, Cornelia Eckert, Diogo Dubiela, Fabrício Barreto, Felipe Rodrigues, Guillermo Gómez, Javier Calixto, José Luís Abalos Junior, Marielen Baldissera, Marina Bordin, Nicole Rigon, Roberta Simon, Rumi Kubo, Yuri Rapkiewicz

Curadoria: Rafael Derois

Professores visitantes: Ricardo Campos, Marian Moya
Pesquisadores que colaboraram: Adauany Zimovsky, Débora Wobeto, Jeniffer Cuty, Juana Cabrera, Leonardo Palhano, Manoel da Rocha,

Manoela Laitano, Rafael Pflug, Thainan Piuco

Mediadores: Ana Paula Monjeló, André Venzon, Clara Freund, Tridente (Luiz Vargas)

Porto Alegre, 31 de outubro de 2017

Nosso mui querido Walter Benjamin

Somos um grupo de pesquisadores em antropologia visual da UFRGS. Em 2017, realizamos um exercício que definimos como etnografia de rua na cidade de Porto Alegre. Para realizar este projeto, fostes um dos nossos mais importantes inspiradores intelectuais. Sabemos que já partistes deste mundo, e é mais uma estrela que brilha no firmamento, mas esperamos que este esforço, de constelar imagens, reverbere de alguma maneira no cosmos e chegue até você.

Importa dizer que sentimos muito sua falta e agradecemos imensamente o nos ter legado uma obra tão significativa. Para nós, você é o poeta da cidade, o mago da descrição dos personagens urbanos, o mestre das palavras narradas que evoca as memórias de pessoas e de coletivos na modernidade para que o nosso viver na urbe, no presente, tenha sentido histórico.

Porto Alegre, October 31, 2017

Dearest Walter Benjamin

We are a group of researchers in visual anthropology at UFRGS. In 2017, we conducted an exercise that we define as street ethnography in the city of Porto Alegre. To conduct this project, you were one of our most important intellectual inspirations. We know that you have already departed this world, and are one more star shining in the sky, but we hope that this effort to constellate images somehow reverberates in the cosmos and reaches you.

It is important to say that we miss you very much and are extremely grateful for having left us such a significant body of work. You are our poet of the city, the wizard of description of urban characters, the master of the narrated words that evoke the memories of people and collectives in modernity so that our urban life today has historic meaning.

Sabemos que não conhece Porto Alegre, mas nós conhecemos Berlim e Paris pelas imagens que sua obra testemunha, a Berlim de sua infância, a Paris de suas flâneries. Aliás, este personagem, inspirado na poesia de Baudelaire, em especial em *As Flores do Mal*, nos é muito caro. Este exercício de deslocamento por Porto Alegre, onde observamos e por onde nos deslocamos com instrumentos de registro para evocar as imagens que nos habitam, é dedicado ao Flâneur, um “lírico no auge do capitalismo”. Na realidade, em nossas etnografias de rua, somos um pouco diferentes do flâneur, pois nossas caminhadas seguem roteiros já debatidos pelos pesquisadores com base em um campo científico-conceitual. Para nos inserir nas territorialidades mapeadas, solicitamos a colaboração de artistas de rua, habitués das territorialidades reconhecidas pela arte urbana. Chamamos a estes artistas de mediadores. Eles lembram de perto o que você define como guardiões da memória. Queríamos que estas caminhadas comentadas fossem partilhadas de experiências de vida dos sujeitos éticos que criam a cidade. Em cada saída, um/a mediador/a nos acompanhou na caminhada, narrando suas experiências criativas. Anônimos também se solidarizavam com nossa aventura e se apresentavam com rostos e memórias: o vendedor de algodão, o militante dos habitantes de rua, o artista de marionetes, etc.

Em 2017, realizamos quatro saídas a campo em lugares que em seus muros, fachadas e paredes abrigam as marcas de tempos geracionais nos espaços vividos, mais propriamente a prática definida por grafismos. Nós nos inspiramos em seu método alegórico e flanamos por estes lugares que evocam camadas de tempo. Como etnógrafos em constante formação e questionamento da disciplina que nos afeta sobremaneira, a antropologia, nossos percursos são captados por técnicas de registro, câmeras de fixação e reprodução de imagens, que você e seus colegas frankfurtianos tanto temiam por sua banalização. De fato, a tecnologia tem seus maus usos e os indivíduos mais ricos do mundo controlam estas mídias; entretanto, você bem sabe que a imagem é sempre movimento, e conseguimos aderir à arte da imaginação criativa nesta forma coletiva de colher as imagens da cidade, dos artistas de rua, dos personagens urbanos e as fazer vibrar na vida de seus habitantes, despertando surpreendentes ressonâncias em suas memórias.

*We know that you do not know Porto Alegre, but we know Berlin and Paris from the images that your work witnesses, the Berlin of your childhood, the Paris of your flâneries. After all, this character, inspired by the poetry of Baudelaire, in particular by the *The Flowers of Evil*, is very dear to us. This exercise of moving through Porto Alegre, in which we observe and through which we move with instruments of registration to evoke the images that inhabit us, is dedicated to the flâneur, a “lyric poet at the peak of capitalism”. In reality, in our street ethnographies, we are a bit different from the flâneur, because our walks follow itineraries that were previously discussed by the researchers based on a scientific-conceptual field. To insert ourselves in the mapped territories, we requested the collaboration of street artists, habitués of territorialities recognized by urban art. We call these artists mediators. They are very similar to what you defined as guardians of memory. We wanted these guided walks to share the living experiences of the ethical subjects who create the city. In each outing, a mediator accompanied our walk, narrating his or her creative experiences. Anonymous people also expressed solidarity with our adventure and are present with faces and memories: the cotton seller, the homeless militant, the marionette artist, and others.*

In 2017, we conducted four field trips to places in which the walls, facades and buildings host the marks of generational times in living spaces, more specifically the practice defined by graffiti. We are inspired by their allegoric method and flaner through these places that evoke layers of time. As ethnographers, in constant formation and questioning of the discipline that strongly affects us, anthropology, our paths are captured by registration techniques, cameras to fix and reproduce images that you and your Frankfurt colleagues feared so much for their banalization. Of course, the technology has evil uses and the world's wealthiest individuals control these media; nevertheless, you know well that the image is always movement, and we have been able to adhere to the art of creative imagination in this collective form of gathering images of the city, of the street artists, of the urban characters and have them vibrate in the life of its inhabitants, awakening surprising resonances in their memories.

Deixamo-nos afetar pela dialética da flânerie para nos encantar e surpreender com o ar livre da cidade, as imagens das ruas, a rua como interior. Expressões suas para falar das ruas como morada do coletivo, um ser moderno, inquieto, agitado que inventa, vive, experimenta, reconhece. Penetramos nas ruas com câmeras na mão e produção de muitas imagens, sempre atentos à escuta dos artistas de rua.

Mergulhados nas imagens fotográficas, sonoras e videográficas, elaboramos um esquema de interpretação com categorias que você nos tem sugerido como referências de constelações imagéticas: fisiologismos, bulevares, escadarias, passagens, galerias, vitrines, reflexos, comércio, cafés, mas também ruínas, farrapos, prostitutas, vendedores, pedintes, mendigos, batedores de carteiras, carregadores e entregadores, trabalhadores, maltrapilhos, artesãos, caos, objetos perdidos e cheiros. Recorremos à montagem de um painel para que você pudesse conhecer a paisagem de Porto Alegre, “construída puramente de vida”. Até porque, para o flâneur, a cidade é paisagem que se “cinde em polos dialéticos”.

Nossa constelação de imagens, no painel que expomos, traz à luz apenas algumas das estrelas (imagens) que brilham pela proximidade do olhar da triagem e da curadoria. Outras tantas se movimentam invisíveis a olho nu. Nosso desejo é que as imagens selecionadas recuperem a cidade do antigo sonho humano da transformação (boulevard, por exemplo) e do seu contraditório (a ruína, por exemplo). Seguimos, ainda, o método da convergência de imagens de Gilbert Durand, o antropólogo que estuda as estruturas do imaginário e que muito o estima.

We allowed ourselves to be affected by the dialectic of the flânerie to be enchanted and surprised with the city's open air, the images of the streets, the street as an interior; these are expressions you used to speak of the streets as a collective residence, a modern, restless, agitated being who invents, lives, experiments and recognizes. We penetrated the streets with cameras in our hands and produced many images, always attentive to listening to its artists.

Plunged into the photographic, sonorous and videographic images, we developed an interpretive scheme with categories that you have suggested to us as references of imagistic constellations: physiologisms, boulevards, stairways, passages, galleries, shop windows, reflections, commerce, cafes, but also ruins, splinters, prostitutes, salesmen, beggars, paupers, pick pockets, stockmen and delivery boys, workers, hobos, artisans, dogs, lost objects and smells. We assembled a panel so that you can discover the landscape of Porto Alegre, “constructed purely from life”. After all, for the flâneur, the city is a landscape that “splits into dialectical poles”.

The constellation of images on the panel that we present brings to light only some of the stars (images) that shine through the proximity of the look of triage and curatorship. Many others are in movement, invisible to the naked eye. We hope that the images selected recover the city from the ancient human dream of transformation (the boulevard, for example) and its contradiction (the ruin). We also follow the method of convergence of images of Gilbert Durand, an anthropologist who studied the structures of the imagination and who held it in high regard.

Não queremos nos alongar mais; apenas sonhamos com sua visita à nossa exposição e que estas imagens o levem a se familiarizar com o cenário urbano de Porto Alegre, reconhecendo, como o queria Balzac, a reimersão do ser humano na natureza, percebendo, como o poetizava Baudelaire, as ondulações do devaneio, as emoções líricas da alma e os choques da consciência. Talvez você se valha de alguma expressão Diderot, dizendo: É bela a rua! Ou, talvez, reconheça nas passagens a chave da rua a que se referia Dickens, ou ainda acentue os conflitos diários do mundo civilizado, com os choques e predadores argumentados por Poe, ou apenas suspire, como o provocava Marcel Proust, com alguma memória involuntária nesta etnografia de rua, em Porto Alegre, onde seu espírito se mistura à multidão.

Ósculos e afeto
Equipe do Navisual

We do not want to prolong this letter; yet we dream of your visit to our exhibition and hope that these images lead you to become familiar with the urban scene of Porto Alegre, recognizing, as Balzac says, the e-immersion of the human being in nature, perceiving as Baudelaire expressed, the undulations of the daydream, the lyric emotions of the soul and the shocks of consciousness. Perhaps you appreciate an expression of Diderot, who said: The street is beautiful! Or you may recognize in these passages the key to the street that Dickens referred to. It may even accentuate the daily conflicts of the civilized world, with the shocks and predators affirmed by Poe, or it may merely breathe, as Marcel Proust provoked, with an involuntary memory in this street ethnography, in Porto Alegre, where your spirit mixes with the multitudes.

*Kisses and affection
From the members of Navisual*













Michel de Certeau

Fotografias: Camila Braz da Silva, Cornelia Eckert, Diogo Dubiela, Fabrício Barreto, Felipe Rodrigues, Guillermo Gómez, Javier Calixto, José Luís Abalos Junior, Marielen Baldissera, Marina Bordin, Nicole Rigón, Roberta Simon, Rumi Kubo, Yuri Rapkiewicz

Curadoria: Rafael Derois

Professores visitantes: Ricardo Campos, Marian Moya
Pesquisadores que colaboraram: Adauany Zimovsky, Débora Wobeto, Jeniffer Cuty, Juana Cabrera, Leonardo Palhano, Manoel da Rocha,

Manoela Laitano, Rafael Pflug, Thainan Piuco

Mediadores: Ana Paula Monjeló, André Venzon, Clara Freund, Tridente (Luiz Vargas)

Porto Alegre, 30 de outubro de 2017

A ti, antropólogo dos micromundos, Michel de Certeau

Ao escrever retóricas caminhatórias pelas ruas da cidade de Porto Alegre, seja na Cidade Baixa, no bairro Floresta, na Av. Voluntários da Pátria ou no Centro Histórico, encontramos pedestres, um jornaleiro na “boca da rua” vendendo um jornal do coletivo, signo da resiliência dos moradores de rua, um artista plástico e sua arte de fazer e um velho vendedor de algodão, em seus passos perdidos nas ruas de paralelepípedos. As cores dos doces ensacados foram para nós um aviso: a caminhada prometia ser repleta de cores. O som que anuncia a sua presença nos remete às reminiscências de infância. A ambiência nos oferecia sinais de vida cotidiana: placas, buracos, catadores de lixo, grades e fios, mas também árvores, gramados, buracos e calçadas estragadas. Tudo tinha sua tonalidade particular em nosso mapa reinventado. Poderia o cotidiano ser tão poético? Embarcamos em uma espécie de descoberta em cada fala. Em cada cor. Em cada passo perdido. Por vezes abandonamos o pequeno roteiro, e simplesmente andamos. Mas não era uma caminhada ingênua. Caminhamos em prol de imagens, tendo as cores como guias. Além dos tênis empoeirados, tínhamos câmeras, gravadores e uma curiosidade instigante de retratar o cotidiano.

Porto Alegre, October 31, 2017

To you, the anthropologist of microworlds, M. de Certeau Upon writing ambulatory rhetoric in the streets of Porto Alegre, whether in the neighborhood of Cidade Baixa, Floresta, along the Av. Voluntários da Pátria or in the Centro Histórico, we found pedestrians; someone selling a newspaper from a collective of homeless people, a sign of the resilience of people who live in the street; an artist and her art of production; and an old man who sold cotton in lost steps through the cobblestone streets. Colorful bags of candies were a warning to us: the walk promised to be ripe with colors. The sound that announced their presence brought us reminiscences of childhood. The ambience offered us traces of daily life: potholes, signs, garbage pickers, window grates and wires, but also trees, lawns, and damaged sidewalks. Everything has a particular tonality on our reinvented map. Can daily life be so poetic? We embark on a type of discovery with everyone who speaks to us, with every color, every lost step. At times, we abandon the brief plan and we simply walk. But it was not a naive walk. We walked in support of the images, guided by colors. In addition to dirty sneakers, we had cameras, recorders and an instigating curiosity to portray daily life.

Caminhar ao dia revelou-nos a rotina da luz que clareava inscrições urbanas. Essas certamente eram realizadas ao anoitecer, quando as únicas fontes de luz eram a lua e a fraca luminosidade dos velhos postes. Adentramos um mundo efêmero. Procuramos o que dura em um micromundo marcado pelo instante e pela fugacidade. Com a ajuda da luz, tentamos traduzir em imagem o mundo cotidiano, e sua língua ordinária, em cores. Ultrapassamos a cidade planejada, que há anos trava uma guerra contra as cores. Nossa opção foi pela cor. Pela banalidade dos tons. Pelo colorido que escapa dos muros e ao qual ninguém dá atenção.

Lendo a ti, aprendemos que “o memorável é o que pode ser sonhado de um lugar”. Quem é este outro que sonha através das cores? Sonhamos juntos: de onde vêm as cores na cidade? Quem sujou as mãos de tinta? Que sejam eternas as cores enquanto durem. Eternizamos-las em imagens. Nossos passos eram uma resposta ao que as cores na cidade nos queriam dizer. Um diálogo com o lugar. Uma retórica que não poderia deixar de passar pelas diferentes entonações do urbano.

Provocados pelo mistério das ruas pintadas, fomos cativados a caminhar. Cada passo era uma busca pela resiliência do jornaleiro, pelo artista e sua arte de fazer e pelo vendedor de algodões coloridos. Afinal, quem colore o cotidiano? Como poderiam ser tão inventivas estas práticas cotidianas? Sobreviventes de um sistema urbanístico que busca acinzentar as cores na cidade, são práticas ordinárias e retóricas descontinuas. Poesias marcadas com tinta. Legitimadas ou não, foram a marca de cada passo (des)interessado que ousamos dar. Praticamos a cidade e suas cores constituíram a fonte da nossa prática. Foi assim que a imagem de um cotidiano citadino colorido nô-la inspirou a ler.

Um saudoso abraço de toda a equipe do NAVISUAL

Walking by day revealed to us the routine of the light that illuminated urban inscriptions. These were certainly made by night, when the only sources of light were the moon and the weak luminosity of the old lamp posts. We entered an ephemeral world. We sought what lasted from a micro-world marked by the instantaneous and the fleeting. With the help of light, we sought to express in images the world of daily life, and its ordinary language, in colors. We went beyond the planned city, which for years has been at war against the colors. We side with the color, the banality of the tones, the colorful that escapes from the walls and to which no one paid attention.

Reading your work, we learned that “the memorable is what can be dreamed of a place”. Who is this other who dreamed through colors? We dream together: where do the colors of the city come from? Who stains their hands with paint so that the colors are eternal, as long as they last. We make them eternal in images. Our steps were a response to what the colors of the city wanted to say to us. A dialog with the place, A rhetoric that could not fail to pass through the different intonations of urban life.

Provoked by the mystery of the painted streets, we were captivated when walking. Each step was a search for the resilience of the news seller, the artist and her art of production and for the salesman of colored cottons. And who is it that colors daily life? How can these daily practices be so inventive? They are survivors of an urban system that seeks to dull the colors in the city, they are ordinary practices and discontinuous rhetorics, poetries marked by paint. Whether legitimated or not, they mark each (dis)interested step we dared to take. We practice the city and its colors were the source of our practice. This was how the colorful images of daily life in the city inspired us to read.

A warm hug from all of us at NAVISUAL











Foote Whyte

Fotografias: Camila Braz da Silva, Cornelia Eckert, Diogo Dubiela, Fabrício Barreto, Felipe Rodrigues, Guillermo Gómez, Javier Calixto, José Luís Abalos Junior, Marielen Baldissera, Marina Bordin, Nicole Rigon, Roberta Simon, Rumi Kubo, Yuri Rapkiewicz

Curadoria: Rafael Derois

Professores visitantes: Ricardo Campos, Marian Moya
Pesquisadores que colaboraram: Adauany Zimovsky, Débora Wobeto, Jeniffer Cuty, Juana Cabrera, Leonardo Palhano, Manoel da Rocha, Manoela Laitano, Rafael Pflug, Thainan Piuco

Mediadores: Ana Paula Monjeló, André Venzon, Clara Freund, Tridente (Luiz Vargas)



Porto Alegre, 25 de outubro de 2017

Caro senhor Whyte

Há pouco mais de oitenta anos, em 4 de fevereiro de 1937, o senhor começou seu trabalho de campo em Corneville, um bairro pobre da cidade de Boston. Pelo que pesquisamos, seu trabalho acabou se transformando numa obra considerada marco fundacional para a Antropologia Urbana até os dias de hoje, com o sugestivo nome de “Sociedade de Esquina”. Lendo seus escritos e pensando em suas palavras, bem que gostaríamos de sua companhia para caminhar conosco, não apenas pelas ruas da cidade, mas também em nosso processo de a entender/interpretar/decifrar.

Porto Alegre, 25 October 2017

Dear Mr. Whyte

Just over eighty years ago, on February 4, 1937, you began your fieldwork in the North End, a poor neighborhood of Boston. Our research indicated that your work, with the suggestive name “Street Corner Society” is still considered a foundational landmark of urban anthropology. Reading your writings and thinking about your words, we would very much like to have your company on a walk, not only through the streets of the city, but also through our process of understanding, interpreting and deciphering.

Escrevemos de Porto Alegre, ano de 2017. Tão longe de sua Cornerville e de seu tempo, as coisas por aqui se repetem. Aqui também a rua é dos garotos. Basta caminhar um pouco para nos dar conta de que sua ocupação se dá, na maioria, por homens. Os rapazes de esquina podem ser jovens ou velhos; reúnem-se em grupos, observam o movimento, cuidam de seus pequenos negócios de bairro. Eles também conversam sobre as mulheres que passam, até mesmo jogam “cantadas”. Sabemos que a denominação “moças de esquina” remeteria a outra ocupação; os adjetivos nunca têm o mesmo significado no masculino e no feminino.

É claro que nada do que é afetado pela vida de esquina lhe é estranho. Sabemos que o senhor também conversava sobre beisebol e mulheres, participava de apostas e corridas de cavalos; ouvia diferentes palavrões em italiano; enfim, tudo para melhor conhecer os rapazes de Boston. Esta técnica de pesquisa, sintetizada na expressão “observação participante”, conseguiu, mudar sua visão estereotipada da vida social, pela qual taxava aquele bairro pobre de Boston como sinônimo de desagregação e desordem. Debruçando-se sobre o cotidiano daquele bairro, investigando com mais atenção e cuidado, conversando com as pessoas, a aparente bagunça lhe revelou um contexto social que o surpreendeu. A surpresa foi descobrir a existência de cooperação, de lealdades pessoais, a existência de trajetórias individuais, de redes de sociabilidade e prestígio. O senhor descobriu, em Cornerville, a existência de laços, significações, organizações múltiplas e plurais.

Foi a partir de sua proposta inspiradora que conduzimos nossa própria pesquisa, uma etnografia de rua com câmera na mão, pelos territórios urbanos de Porto Alegre, interessados em direcionar um olhar antropológico para a arte urbana e para a própria cidade. Ao percorrermos a metrópole gaúcha, mirando muros e fachadas de prédios, paredes de casas, vitrinas de estabelecimentos comerciais, esquinas de bairros e de centro, calçadas e postes, poderíamos classificar, como aconteceu em Cornerville, o cenário de caótico e desagregado. Apoiados em sua lição, superamos uma visão inicialmente estereotípica com o apoio e a cooperação de “indivíduos-chave”, que se tornaram para nós verdadeiros colaboradores de pesquisa. Em nossas quatro saídas de campo pela cidade, contamos com algumas dessas figuras: Tridente, André Venzon e Ana Paula Monjelo.

We write from Porto Alegre in the year 2017, where even so far from your Cornerville and your time, elements are repeated. The street here also belongs to young men. We do not have to walk far to see that it is mostly occupied by men. The guys on the corner may be young or old; they gather in groups, observe the movement, care for their small neighborhood business. They also talk about women who pass by, and even offer “cantadas” [a euphemism for catcalls]. We know that the denomination “girls of the corner” refers to another occupation; adjectives never have the same meaning in masculine or feminine versions.

Of course nothing that is affected by life on the corner is foreign to you. We know that you also discussed about baseball and women, participated in bets and horse racing; heard many curses in Italian. You did all this to know more about the young men of Boston. This research technique, synthesized in the expression “participant observation”, was able to change your stereotyped view of social life, which identified that poor Boston neighborhood as synonymous with decay and disorder. Examining the daily life of the neighborhood, investigating with greater attention and care, speaking with people, the apparent disarray revealed to you a surprising social context. The surprise was discovering the existence of cooperation, personal loyalties, individual trajectories, networks of sociability and prestige. In Cornerville you discovered the existence of multiple and plural bonds, meanings and organizations.

It was based on your inspiring proposal that we conducted our own study, a street ethnography with a camera in our hands, through the urban territories of Porto Alegre, interested in turning an anthropological eye on urban art and the city itself. Upon walking through the Gaucho metropole, looking at walls and facades, houses, storefronts and street corners in the neighborhoods and downtown, sidewalks and street posts, we can classify the scenery as chaotic and decayed - as it was in Cornerville. Supported by your lessons, we overcame an initially stereotyped vision with the support and cooperation of “key individuals” who became true collaborators in our research. In our four field trips through the city, we were accompanied by: Tridente, André Venzon and Ana Paula Monjelo.

Queremos falar especialmente do artista visual Tridente, que o senhor classificaria como alguém que transitou entre a condição de “rapaz de esquina” e a de “rapaz formado”. Veja o que ele nos contou enquanto caminhávamos pela Cidade Baixa, um bairro boêmio de nossa cidade: “Na adolescência, eu comecei a circular muito pela noite. Eu morava na Zona Sul e atravessava a cidade. Minha vida boêmia começou na Zona Norte, no outro lado da cidade. Lá conheci um grupo de um bonde, ainda nos 1980, que pixavam ‘AUA’- Armação Urbana Anarquista. E aí eu me contagiei rapidamente e comecei a trazer da Zona Norte para Zona Sul essa pixação. Pixei uma igreja na época, coisa de gurizão”. “Nos anos 90, eu dei um tempo; em 1999, morei no Bom Fim e comecei a intervir com arte na rua. De 1999 para cá, eu não parei mais, quer dizer, estou há um ano e meio mais no atelier, têm rolado trabalhos.”

Assumir uma posição de trabalho “das ruas para o atelier” qualifica o artista, possibilitando a ele acessar com sua arte diferentes espaços, como galerias, museus, exposições, etc., coisa, a princípio, impensável e até difícil de admitir de parte de alguém que conhecemos como pichador. Tridente não se resume às ruas, mas respeita imensamente a importância delas, pois sabe que é da rua que vem toda a inspiração.

Como Doc lhe contou sobre como as brigas do passado permitiam que ele mantivesse o respeito na esquina, na arte urbana também existem provas de força, demonstrações de ousadia e obtenção de prestígio através da realização de desafios cada vez mais difíceis, o que gera respeito dos companheiros, e também dos rivais. Nas ruas do graffiti e do pixo, as disputas que o senhor tão bem analisou entre os rapazes de Cornerville são chamadas de “atropelar”, isto é, passar por cima de outra pintura a sua própria arte, a própria assinatura, sua própria mensagem. Segue o relato de Tridente: “Nunca atopelei o trabalho de ninguém e tenho uma boa relação com a pichação, o que é difícil. Muitos, na rua, têm uma postura de reprovação quando tu apareces muito na mídia, te zoam de ‘artistinha’. Mas eu não tenho esse problema, porque eu sempre respeitei todas as expressões na urbe, em especial a pichação; eu acho que essa é a grande história”.

We would especially like to speak about the visual artist Tridente, who you would classify as someone who moved between the condition of a “corner boy” and an “educated boy”. Listen to what he told us while we walked through the Cidade Baixa, a bohemian neighborhood of our city. “In adolescence, I began to go out a lot at night. I lived in the Zona Sul and crossed the city. My bohemian life began in the Zona Norte, on the other side of the city. There I met a group back in the 1980s, who scribbled ‘AUA’- Armação Urbana Anarquista [Urban Anarchist Support]. I quickly got hooked and began to bring this graffiti from the Zona Norte to the Zona Sul. at the time I painted a church, kid’s stuff”. “In the 1990s, I took a break; in 1999, I lived in Bom Fim and began to intervene with street art. From 1999 until now, I haven’t stopped, that is, for the past year and a half I have been more in the atelier; some work has appeared.”

To assume the transfer of the position of work “from the streets to the atelier” qualifies the artist, allowing him to access different spaces with his art, such as galleries, museums, exhibitions, etc. something, in principal, unthinkable and even difficult to admit by someone who we knew as a graffiti artist. Tridente is not confined to the streets, but has tremendous respect for their importance, because he knows that all inspiration comes from the street.

Like “Doc” back in Boston, Tridente talked about how the fights of the past allowed him to maintain respect on the corner. In urban art there are also tests of strength, demonstrations of daring and attainment of prestige through the realization of increasingly difficult challenges, which generate respect among companions, and also rivals. On the streets of graffiti, the disputes, which you analyzed so well among the young men of Cornerville, are called “atropelar” [literally to “run over”, in English known as “going over” in the world of street art], that is, to work on top of another painting and its art, its signature and message. Tridente continued: “I never painted over anyone’s work and have a good relationship with pichação [definition below], which is difficult. Many, on the street are critical when you appear a lot in the media, they tease you for being an artiste. But I don’t have this problem, because I always respected all the expressions in the city, in particular pichação; I think that’s the big story”.

Isto remete a um debate importante neste universo: a oposição entre a pichação—que seriam os escritos nas fachadas de prédios, que podem ser palavras de ordem ou assinaturas demarcando território, normalmente feitos com spray, o que é considerado vandalismo e tachado de atividade ilegal—e o graffiti—desenhos e pinturas mais elaborados, com que os seus autores muitas vezes adquirem status de artista, trabalhando até mesmo por encomenda, de forma legalizada e remunerada. O professor Ricardo Campos, durante a caminhada pela Cidade Baixa, comentou: “O pixo não deixa de ser considerado uma espécie de poluição visual por parte dos poderes públicos e tudo mais”.

Sobre isso, Tridente foi categórico: “Isso que a gente tá vivendo, politicamente, é a coisa mais errada, que sempre fizeram, é aquele slogan: “graffiti é arte; pichação é crime”. Não existe isso. Querer tirar só o que é bonito de um conjunto que é uma obra em si: as tags, as assinaturas, o spray, o stencil, o grapixo, o bomb... A mim interessa o pacote todo, a sujeira, a podreira, porque cada um tem a sua história. Tem intervencionista que dá a vida, o que ganha compra em spray; é o sentido da existência para alguns deles”.

Sr. Whyte, acreditamos que o senhor receberá com alegria estes relatos, ainda crus, mas sabendo que são resultado de uma pesquisa empírica, algo tão prezado e enfatizado em seus ensinamentos. Ao ter o senhor em mente, na Porto Alegre do século XXI, percebemos que os muros desenhados, grafitados e pichados denotam comunicação, negociação pelos espaços da cidade, obtenção de prestígio e fabricação de lealdades pessoais. Nossos “rapazes”, muitas vezes, representam-se nas paredes, num encontro com uma versão do si mesmos, produzido pelo encontro da tinta com o muro.

É claro, senhor Whyte, que nossos olhares não se limitaram aos rapazes. Ao observarmos atentamente a cidade que habitamos, percebemos que os muros vociferam críticas, denunciam crimes, clamam por melhorias nas condições de vida dos habitantes das cidades; em suma, os “lemos/interpretamos” hoje como suportes para reivindicações das várias instâncias da política. Os muros são reveladores de territórios étnicos, de tomada do espaço público por novas demandas, novas cores e novas ideias.

This refers to an important debate in this universe: that of the opposition between pichação and graffiti. Pichação is drawn on building facades, and may present political slogans or signatures that mark territory, it is normally done with spray paint, which is considered vandalism and illegal. Graffiti is the term used for more elaborate designs and paintings, through which their authors often acquire status as artist, even work by commission, in a legal and paid manner. During a walk through the Cidade Baixa, professor Ricardo Campos commented: “O pixo is considered a type of visual pollution by some public officials and others”.

Tridente was adamant about this: “This situation we are living through, politically, is completely wrong, what they always did, is that slogan: “graffiti is art; pichação is a crime”. This doesn't exist. They want to take only what is pretty from a whole group that is also artwork: the tags, the signatures, the spray, the stencil, the grapixo, the bomb... I am interested in the whole package, the dirt, the decay, because each has its history. There are interventionists who devote their life to this, what they earn they use to buy spray; it's the meaning of existence for some of them”.

Mr. Whyte, we believe that you will be happy to receive these portrayals, which are still raw, but understand that they are the result of empiric research, something so cherished and emphasized in your teachings. With you in mind, in Porto Alegre of the twenty-first century, we realized that the walls that are painted, grafitados and pichados denote communication, negotiations for the spaces of the city, the attainment of prestige and fabrication of personal loyalties. Our “boys”, often portray themselves on the walls, in an encounter with a version of themselves, produced by the encounter of paint with wall.

Of course, Mr. Whyte, our eyes were not confined to the young men. By attentively observing the city we inhabit, we perceive that the walls express criticisms, denounce crimes, call for improvements in the living conditions of the lives of the residents of the cities; in sum, today “we read and interpret” them as supports for demands made to various political forums. The walls reveal ethnic territories, the taking of public space by new demands, new colors and new ideas.

Se nas ruas a tinta é inesgotável, a desta pena está por acabar. Por isso, nos despedimos. Estamos ansiosos por respostas, dicas, sugestões, segredos e enigmas que seduzem, encantam e nos motivam, como sempre, a ler sua obra novamente.

Saudações,
Equipe do Navisual

If paint is endless on the streets, that of this pen is about to go dry. For this reason, we say goodbye. We are anxious for responses, tips, suggestions, secrets and enigmas that seduce, enchant and motive us, as always, upon reading your work once again.

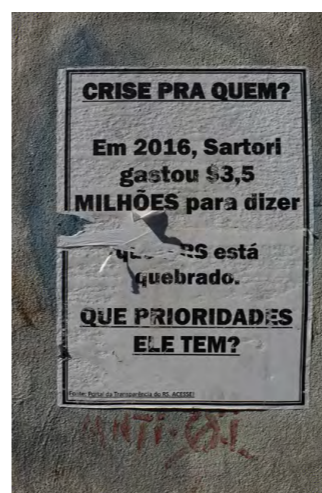
Greetings
Navisual Team











Colette Pétonnet

Fotografias: Camila Braz da Silva, Cornelia Eckert, Diogo Dubiela, Fabrício Barreto, Felipe Rodrigues, Guillermo Gómez, Javier Calixto, José Luís Abalos Junior, Marielen Baldissera, Marina Bordin, Nicole Rigon, Roberta Simon, Rumi Kubo, Yuri Rapkiewicz

Curadoria: Rafael Derois

Professores visitantes: Ricardo Campos, Marian Moya
Pesquisadores que colaboraram: Adauany Zimovsky, Débora Wobeto, Jeniffer Cuty, Juana Cabrera, Leonardo Palhano, Manoel da Rocha, Manoela Laitano, Rafael Pflug, Thainan Piuco

Mediadores: Ana Paula Monjeló, André Venzon, Clara Freund, Tridente (Luiz Vargas)

Porto Alegre, 29 de outubro de 2017

Cara Colette

É com imenso prazer que te escrevemos esta carta, uma vez que deixaste inúmeros seguidores de tua tradição de observadora flutuante desde a tua visita a Porto Alegre em 1992, contribuindo para que essa metodologia tenha provocado um espaço de afetos na trajetória da antropologia em nossa universidade. Aprendemos que, quando permanecemos disponíveis em nossos percursos na cidade, sem fixar em invólucros nenhum objeto preciso, a observação flutuante nos possibilita entrar em estado permeável a todos os segredos da sede em todas as suas misturas. A observação flutuante está sempre presente em nossos passeios e percursos urbanos, deixando-nos levar pelo inesperado. O acaso nos reserva surpresas, segredos, fofocas que permeiam o cotidiano de indivíduos da cidade, até aquele momento para nós desconhecidos.

Porto Alegre, 29 de October 2017

Dear Colette

It is with great pleasure that we write this letter, given that you have left countless followers of your tradition of floating observer since your visit to Porto Alegre in 1992, which helped to have this methodology provoke a space of emotions in the trajectory of anthropology at our university. We learned that when we remain open minded on our routes through the city, without setting in wrappers any precise object, a floating observation allows us to enter a state that is permeable to all the secrets of downtown, in all its mixtures. Floating observation is always present in our urban excursions and paths, letting us be taken by the unexpected. The randomness brings us surprises, secrets, gossip that permeates the daily life of individuals of the city, which until that moment were unknown.

Observamos a cidade como um campo sensorial que se evidencia através de suas misturas e fluidos, através do campo e do urbano, do global e do local, pois, como tu mesmo nos ensinaste, a sociedade moderna está sempre interligada. Ao flutuar em meio à multidão, assimilamos relações entre indivíduos a partir de seus rastros pela cidade, da mesma forma que desconhecidos e celebridades são lembrados nas lápides do cemitério Père Lachaise, onde tu costumavas fazer teus itinerários. Seriam as inscrições nos muros uma busca incansável de se impor à memória coletiva da cidade? Mesmo com tantas pessoas, uma cidade grande abriga diversas cidades pequenas, onde indivíduos partilham seus imaginários sobre elementos que trazem memórias de algo, ou de alguém que um dia fez parte de sua história.

Em meio às nossas flâneries, você nos estimulou a observar a natureza na selva de concreto, as flores, as árvores, os perfumes e, especialmente, os gatos, tão presentes na etnografia do cemitério Père Lachaise. Afinal, por que um cemitério não pode ser um parque florido e agradável para devaneios cotidianos, ao invés de apenas um lugar de descanso para indivíduos que este mundo já deixaram? O espaço urbano, não importa o que represente, é sempre um lugar marcado por sociabilidades. Certos grupos e pessoas criam afinidades com algumas de suas áreas, e tratam de as cuidar, limpar, colorir e animar.

Entre as inscrições urbanas, lembrávamos frequentemente de teus escritos sobre o feminino; às vezes, em desenhos com traços delicados; outras vezes, a partir de símbolos do movimento feminista. A clássica Mona Lisa do século XVI, que nos chamou a atenção em suas frequentes aparições pelos muros de nossa cidade, representada em mosaicos coloridos de azulejos e fragmentos de espelhos, adquire semblantes tipicamente modernos. Na mistura de bricolagens, vivenciamos o segredo dos encontros e da diversidade das formas em que sua imagem aparece e se renova: às vezes punk, gótica, com flores na cabeça, brasileira, negra, branca, colorida. Entre a arte e o artesanato presentes na arquitetura urbana, também observamos as marcas do tempo, em descasos e depredações que abalam a paisagem de nossa querida cidade. Inúmeros espaços vazios, abandonados, tantas casas sem gente, tanta gente sem casa!

We observe the city as a sensorial field that is revealed through its mixtures and flows, through the rural and the urban, the global and the local, because as you taught us, modern society is always interlinked. By floating amid the multitudes, we assimilate relations among individuals based on their tracks through the city, in the same way that people unknown and celebrities are remembered on the tombstones of the Père Lachaise cemetery, where you often took your excursions. Are the inscriptions on the walls a tireless effort to leave a mark the collective memory of the city? Even with so many people, the large downtown encompasses various small cities, where individuals share their imaginaries about elements that bring memories of something, or of someone, which one day was part of its history.

Amid our flâneries, you encouraged us to observe the nature of the concrete jungles, the flowers, trees, perfumes and especially the cats, which are so present in the ethnography of the Père Lachaise cemetery. After all, why shouldn't a cemetery be a flowery and pleasant park for daily daydreams, and not only a place of rest for individuals who have left this world? Urban space, regardless of what it represents, is always a place marked by sociabilities. Certain groups and peoples create affinities with some of its areas and undertake to care for and clean it, color and enliven it.

Among the urban inscriptions, we frequently recall your writings about the feminine; at times, in designs with delicate traces; others based on symbols of the feminist movement. The classic Mona Lisa of the sixteenth century acquires characteristically modern appearances that drew our attention because of her frequent appearances on the walls of our city, represented in colorful mosaics of broken tiles and mirrors. In the mixture of bricolages, we experience the secret of the encounters and of the diversity of the forms in which her image appears and is renewed: she may be punk, or gothic, have flowers in her hair, be Brazilian, black, white or colorful. Between the art and the artisan present in urban architecture, we also observe the marks of time, in poor care and depredation that disrupt the landscape of our dear city. Countless abandoned, empty spaces, so many houses without people, so many people without a house!

Nossas caminhadas, guiadas por teus ensinamentos, foram um exercício rico em observação flutuante. Passamos a perceber os percursos como uma experiência sensível que fez de nós observadores implicados e engajados nas formas da cidade. Liberamos pensamentos, juízos e sensações. Evocamos memórias, afetos, e também desafetos, ao descobrir os segredos e mistérios do mobiliário do espaço público. Descobrimos que a experiência na cidade, além do espaço dos percursos ordinários, também pode oportunizar o desenvolvimento de uma relação de sensibilidade e afetividade com esses espaços.

Pensamos, hoje, que o mérito do teu legado se encontra na pulsante experiência prática de vivenciar a cidade como um campo de sentidos. No acaso dos encontros, topamos com a liberdade de sermos um desconhecido em meio à multidão, ou um antropólogo que estabelece vínculos e conexões. Nessa visão, o fenômeno urbano se mostra como algo para além das relações de impessoalidade, à medida que permite o estabelecimento de vínculos e familiaridade entre seus habitantes.

Apesar de tua ausência, vivenciamos a tua presença que perdura alegremente nas experiências antropológicas que todo dia fazemos.

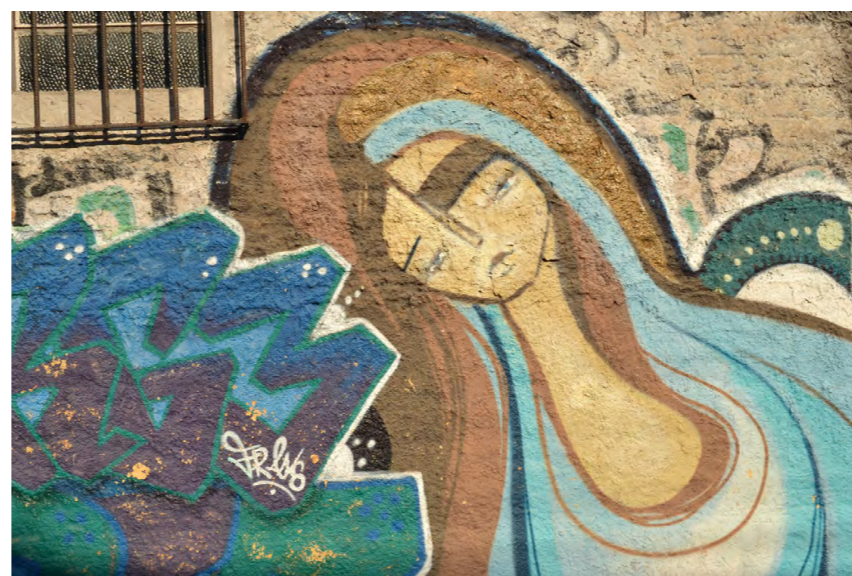
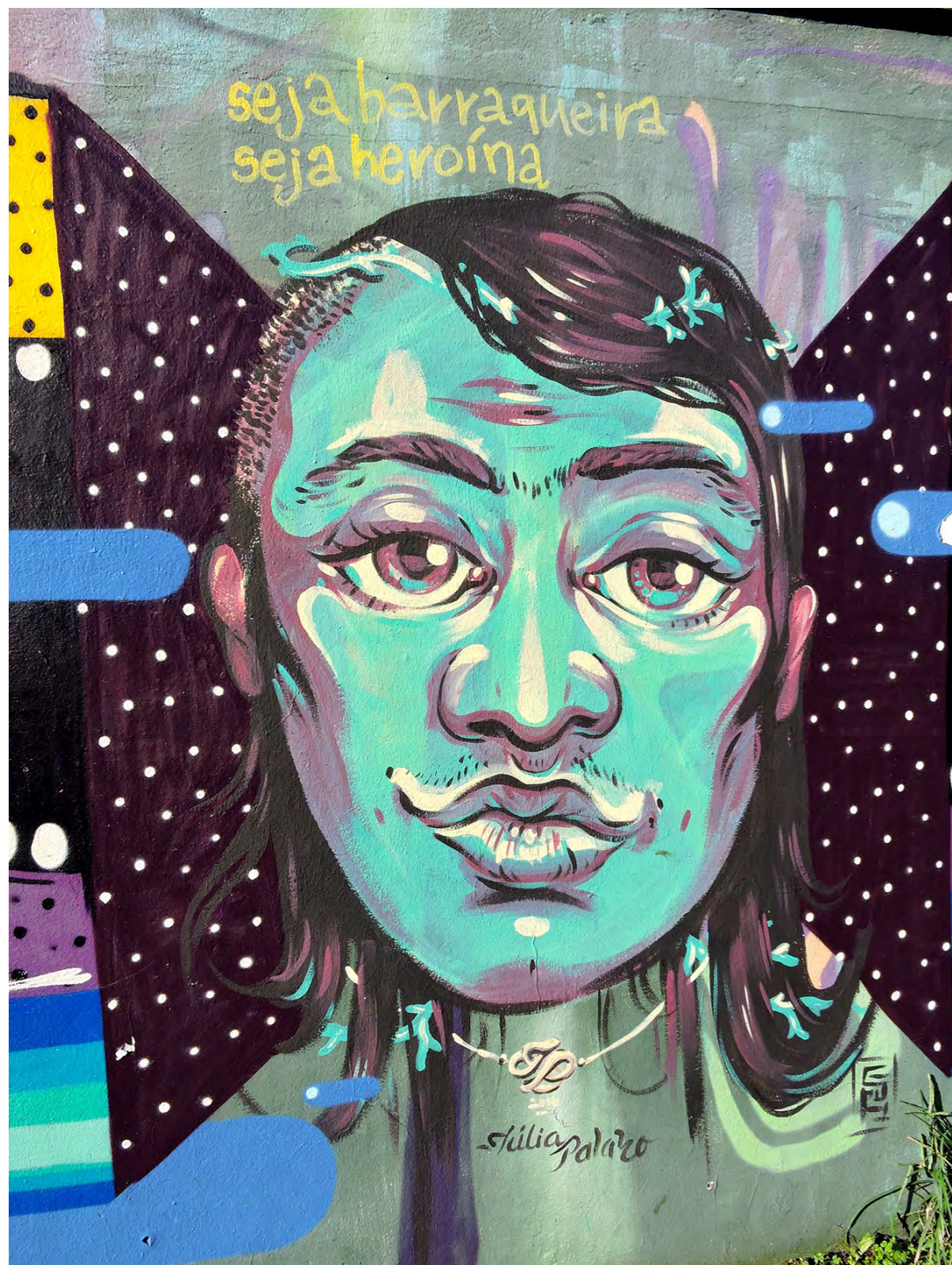
Com carinho,
Equipe do Núcleo de Antropologia Visual

Our paths, guided by your teachings, form a rich exercise in floating observation. We come to perceive the paths as a sensitive experience that makes us observers who are involved and engaged in the shapes of the city. We liberate thoughts, judgments and sensations. We evoke memories, emotions and alienations, upon discovering the secrets and mysteries of the furnishings of public space. We discover that to experience the city beyond the ordinary paths can create opportunities to develop a relationship of sensibility to and affection for these spaces.

Today we believe that the merit of your legacy is found in the pulsating practical experience of experiencing the city as a field of meanings. In random encounters, we confront the liberty of being an unknown amid the multitude, or an anthropologist who establishes ties and connections. In this vision, the urban phenomenon is revealed as something beyond impersonal relations, to the degree that it allows the establishment of ties and familiarity among its inhabitants.

Despite your absence, we experience your presence that joyfully continues in the anthropological experiences that we have every day.

Affectionately yours,
The members of the Visual Anthropology Nucleus











TIGER

Caixa do
Elefante
Associação de Apoio

Rissu

Ricardo Campos

Fotografias: Camila Braz da Silva, Cornelia Eckert, Diogo Dubiela, Fabrício Barreto, Felipe Rodrigues, Guillermo Gómez, Javier Calixto, José Luís Abalos Junior, Marielen Baldissera, Marina Bordin, Nicole Rigon, Roberta Simon, Rumi Kubo, Yuri Rapkiewicz

Curadoria: Rafael Derois

Professores visitantes: Ricardo Campos, Marian Moya
Pesquisadores que colaboraram: Adauany Zimovsky, Débora Wobeto, Jeniffer Cuty, Juana Cabrera, Leonardo Palhano, Manoel da Rocha, Manoela Laitano, Rafael Pflug, Thainan Piuco

Mediadores: Ana Paula Monjeló, André Venzon, Clara Freund, Tridente (Luiz Vargas)

Porto Alegre, 10 de outubro de 2017

Querido Ricardo

Esperamos que estejas bem. Já estamos em outubro e debruçados sobre o exercício etnográfico que iniciamos em maio, quando estavas aqui conosco na condição de professor visitante. Deixastes saudades e lembramos muito de ti neste momento em que estamos elaborando as coleções etnográficas. Lembras das nossas saídas de campo? Você participou de três delas. Relembrando, a primeira foi uma etnografia de rua no bairro Cidade Baixa. Nesta ocasião conhecemos o artista visual Tridente, que nos acompanhou no trajeto que propomos para reconhecer as “gramáticas visuais”, como grafites e pichações nos muros e paredes, nas calçadas e nos edifícios.

Porto Alegre, 10 October 2017

Dear Ricardo

We hope you are well. It is already October, and we are engaged in the ethnographic exercise that we began in May, when you were here with us as a visiting professor. We miss you; we think of you often at this time that we are preparing the ethnographic collections. Do you remember our field trips? You participated in three of them. To recall: the first was a street ethnography in the Cidade Baixa neighborhood. At that time, we met the visual artist Tridente, who accompanied us on the trajectory on which we sought to recognize “visual grammars” like street art and graffiti on walls, sidewalks and buildings.



No início da caminhada tiramos uma foto da equipe do Núcleo de Antropologia Visual que estava neste percurso além de pessoas que se agregaram ao trajeto. Inicialmente Tridente se colocou como narrador da experiência em constante diálogo com a equipe que o rodeava. Mas também você era nosso guia. Você, para nós, é o narrador urbano pesquisador de juventude, cultura visual e arte urbana contemporânea.

Se a arte urbana contemporânea global tem suas tendências locais, nos ajudastes a perceber as especificidades dos nossos muros, artistas e personagens urbanos. Em meio trajetos repletos de (in) visibilidades, fomentastes nosso olhar para a alteridade. Tua voz se misturava com a de Tridente, sempre perseguidos pelos microfones que apontavam para vocês (por Guillermo, Thainan e Marina), enquanto nós fotografamos ora vocês, ora a “arte urbana” que vocês desvendavam para nós. Você em especial relacionava esta experiência vivida com seus estudos em Lisboa. Ao caminhar por este território urbano lembrastes de um exemplo igualmente marcado pela presença dos grupos jovens, o bairro Alto em Lisboa (Portugal), onde moras e pesquisas. Nos contastes que este bairro conhecia um apagamento da arte urbana submetido a processos de higienização, uma característica, alias, da efemeridade da arte urbana.

Na segunda saída, agora no bairro Floresta, conhecemos um projeto de políticas culturais que propõem um “circuito” de “grafite legalizado” mediado por dispositivos tecnológicos leitores de códigos digitalizados. Recorremos ao celular e assumimos o papel de caminhantes conectados. Comentamos que tratava-se de um “grafite legalizado” ou seja, estávamos conhecendo a “domesticação” da estética urbana, bem próximo da noção de “globalização” que estudas ao tratar do “mundo virtual” e das “paisagens de poder”. Este percurso foi um fio condutor a uma nova percepção sobre o bairro e um movimento de redescoberta da história da territorialidade do bairro Floresta. Interessante como estes artistas se diferenciavam da saída de campo anterior, por uma adequação a uma outra proposta estética perpassada por requisitos das instancias financiadoras estimuladas pela economia criativa e levadas a termo no quarto distrito. Este processo evidencia-se na agregação de outras técnicas pictóricas.

At the beginning of the walk, we took a photo of the members of the Visual Anthropology Nucleus who participated, as well as people who came along for the trajectory. At first, Tridente served as a narrator of the experience, in constant dialog with those of us around him. But you were also our guide. For us, you are the urban narrator, a researcher of youth, visual culture and contemporary urban art.

Considering that contemporary global urban art has local trends, you helped us to perceive the specificities of our urban walls, artists and characters. Amid trajectories replete with (in)visibilities, you supported our look at alterity. Your voice, combined with that of Tridente, was constantly sought by the microphones pointed at you (by Guillermo, Thainan and Marina), while we photographed either you, or the “urban art” that you revealed to us. You related this experienced to your studies in Lisbon. Walking through this urban territory you recalled another that is also marked by the presence of young groups, the Bairro Alto neighborhood in Lisbon, Portugal, where you live and conduct research. You told us that this neighborhood experienced an erasure of urban art that was submitted to processes of higienization – which is a characteristic, alias, of the ephemerality of urban art.

On the second outing, this time in the Floresta neighborhood of Porto Alegre, we discovered a project based on cultural policies that propose a “circuit” of “legalized graffiti”, mediated by technological devices, digital code readers. We grabbed our phones and became online walkers. You commented that this was “legalized graffiti”, that is, we were witnessing the “domestication” of the urban aesthetic, which closely approaches the notion of “globalization” that you study considering the “virtual world” and “landscapes of power”. This route was a guiding thread of a new perception of the neighborhood and a movement of rediscovery of the history of the territoriality of Floresta. It is interesting how these artists distinguished themselves from those who we found on the previous field trip, because of their adaptation to another aesthetic proposal, permeated by the demands of the financial agencies stimulated by the creative economy and exercised in the Quarto Distrito. This process is revealed in the aggregation of other pictorial techniques.

Na caminhada nas adjacências na Voluntários da Pátria, junto ao artista André Venzon, experimentamos uma outra estética visual do quarto distrito. Refletimos contigo sobre a relação do grafite com espaços abandonados. Nos surpreendemos juntos com a vida que as cores dão as ruínas. Pavilhões abandonados e esquinas vazias nos remeteram a memória industrial do bairro agora pintadas com as cores das intervenções urbanas.

Agora, Ricardo, selecionamos as imagens entre as trinta mil, buscando uma “competência visual” para expressar o campo conceitual que te é caro, em especial a partir da leitura e interpretação de dois textos de tua autoria: A Arte Urbana enquanto “Outro” e “A Pixelização dos muros: graffiti urbano, tecnologias digitais e cultura visual contemporânea”.

Propomos uma coleção etnográfica que expressem estes “paradigmas de visualidades” de um mundo vivido pleno de “efemeridades”, “conflitos”, “alteridades urbanas”, “espaços de visibilidade” que revelam “afinidades e afetividades estéticas” e todo um “ecossistema comunicacional”.

Sentimos muito tua falta. Pena que Lisboa não é mais perto. Imaginamos você no Bairro Alto, percorrendo as ruas entre “pixelização dos muros” enquanto seguimos na Cidade Baixa, Bairro Floresta, no Centro e muito, no Quarto Distrito, entre “subculturas” para “visualizar existências”. Ainda bem que podes estar conosco pelo “mundo virtual” de forma esporádica e mesmo esta carta vamos te enviar pelo WhatsApp e pelo Facebook no Grupo Navisual e no Grupo R.A.I.U—Rede de pesquisa Luso-Brasileira em Artes e Intervenções Urbanas.

Beijos no coração
Equipe Núcleo de Antropologia Visual

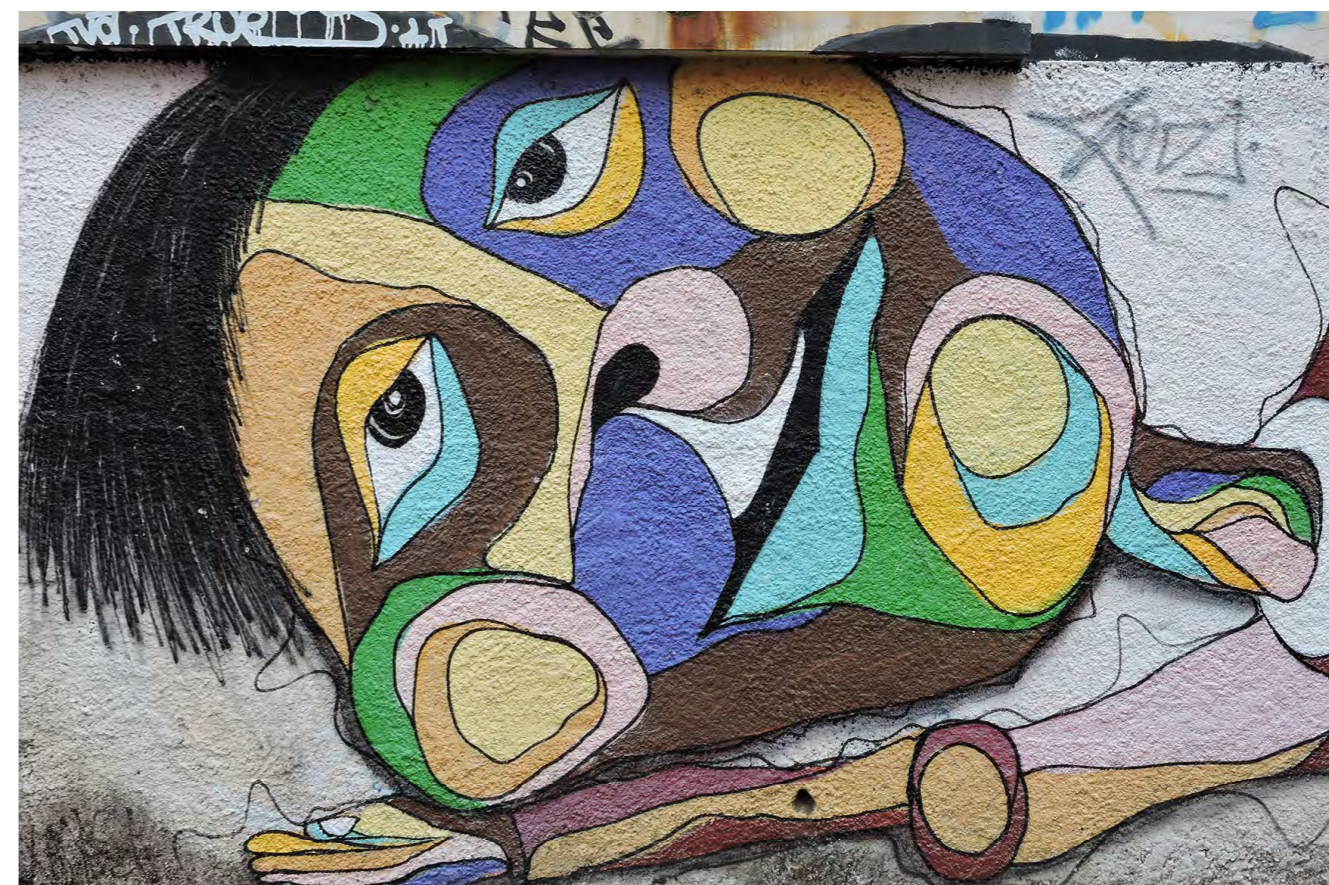
In the walk in the surroundings of the Avenida Voluntários da Pátria, with the artist André Venzon, we experienced a visual aesthetic different from that of the Quarto Distrito. We reflected with you about graffiti's relationship to abandoned spaces. Together we were surprised by the life that the colors gave to the ruins. Abandoned pavilions and empty street corners referred us to the industrial memory of the neighborhood, now painted with the colors of urban interventions.

Ricardo, we have selected just a few images from among thirty thousand, seeking a “visual competency” to express the conceptual field that is so dear, in particular based on a reading and interpretation of two of your articles: A Arte Urbana enquanto “Outro” [Urban Art as “Other”] and A Pixelização dos muros: graffiti urbano, tecnologias digitais e cultura visual contemporânea [The Pixelization of walls: urban graffiti, digital technologies and contemporary visual culture].

We are proposing an ethnographic collection that expresses these “paradigms of visualities” of a world fully lived with “ephemerality”, “conflicts”, “urban alterities” and “spaces of visibility” that reveal “aesthetic affinities and affections” and an entire “communicational ecosystem”.

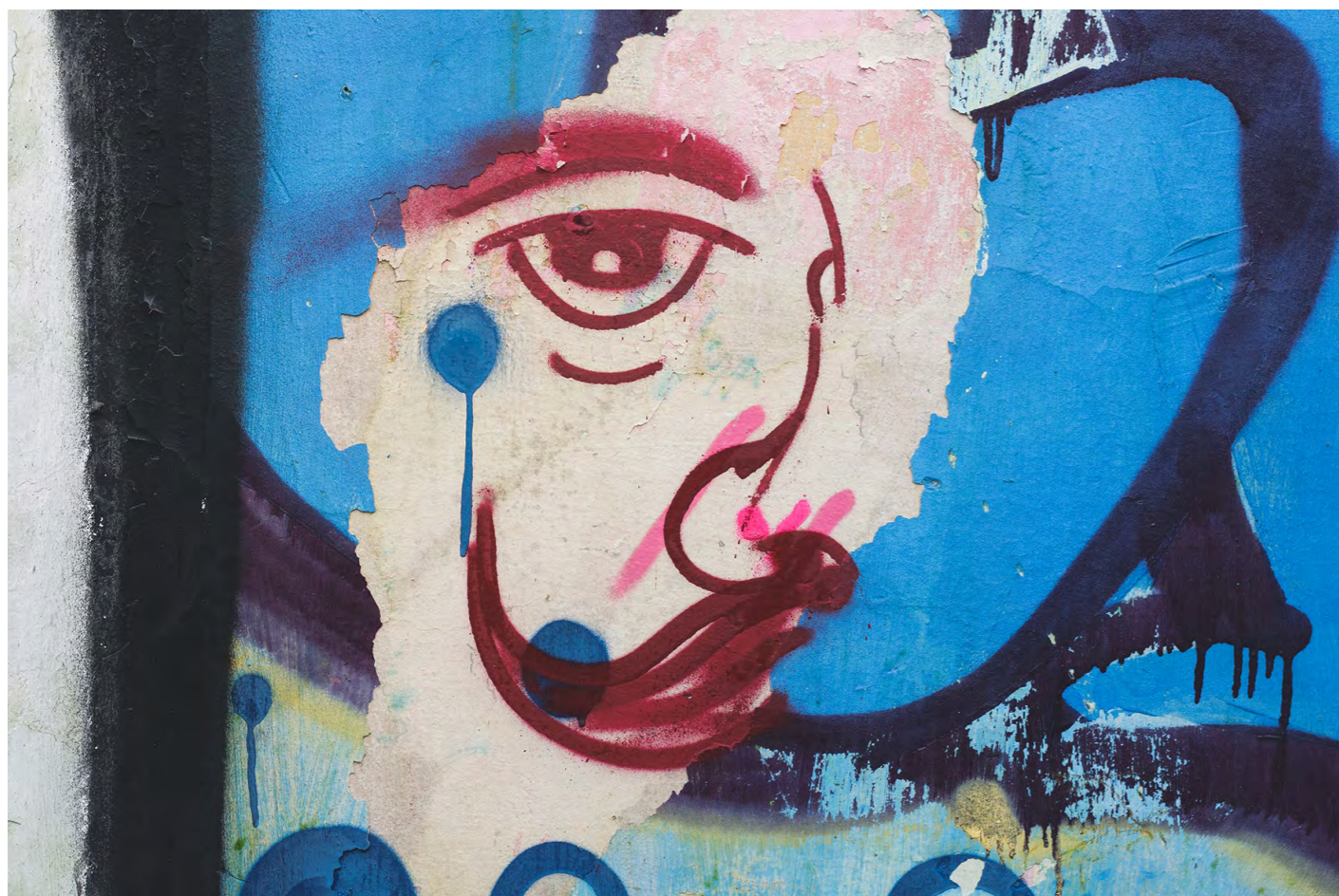
We miss you very much. It is a shame that Lisbon is not closer. We imagine you in the Bairro Alto, walking the streets among the “pixelization of the walls”, while we continue in Cidade Baixa, the Bairro Floresta, Centro and, much more often, in the Quarto Distrito, among “subcultures” so we may “visualize existences”. At least you can be with us sporadically in the “virtual world”; we will even send you this letter via WhatsApp and Facebook on the Grupo Navisual and the Grupo Rede de pesquisa Luso-Brasileira em Artes and Intervenções Urbanas (RAIU).

Kisses on the heart
From the members of the Visual Anthropology Nucleus









Hélio Silva

Fotografias: Camila Braz da Silva, Cornelia Eckert, Diogo Dubiela, Fabrício Barreto, Felipe Rodrigues, Guillermo Gómez, Javier Calixto, José Luís Abalos Junior, Marielen Baldissera, Marina Bordin, Nicole Rigon, Roberta Simon, Rumi Kubo, Yuri Rapkiewicz

Curadoria: Rafael Derois

Professores visitantes: Ricardo Campos, Marian Moya
Pesquisadores que colaboraram: Adauany Zimovsky, Débora Wobeto, Jeniffer Cuty, Juana Cabrera, Leonardo Palhano, Manoel da Rocha, Manoela Laitano, Rafael Pflug, Thainan Piuco

Mediadores: Ana Paula Monjeló, André Venzon, Clara Freund, Tridente (Luiz Vargas)

Porto Alegre, 20 de outubro de 2017

Querido Hélio

Já faz um ano que estiveste conosco aqui no PPGAS, UFRGS, para uma conferência. Hoje te escrevemos com grande emoção. Gostaríamos de te relatar nossa oficina de pesquisa etnográfica, a que nos tem levado a nos deslocar pelos bairros de Porto Alegre. Partilhamos, nessa vivência, de tua ideia de que etnografia é o relato de um percurso. Andar e ver: características metodológicas e subjetivas que marcam a prática de pesquisa de antropólogos, de quem observa e descreve o viver urbano. Queremos te contar que a leitura de teus textos nos tem inspirado a narrar a nossa própria cidade.

Porto Alegre, 20 October 2017

Dear Hélio

It has already been a year since you were here with us at the Graduate Program in Social Anthropology of UFRGS, for a lecture. We write today with great emotion. We would like to tell you about our workshop in ethnographic research, which has led us to walk through the neighborhoods of Porto Alegre. Through this experience we share your idea that ethnography is a report about a path taken. Walking and observing: these are the methodological and subjective characteristics that mark the research practice of anthropologists, those who observe and describe urban life. We want to tell you that the reading of your texts has inspired us to narrate our own city.

A estilística etnográfica da “invenção do feminino” é para nós referência marcante. O estilo é despojado e envolvente. Retrata a vivência de travestis, a construção de suas identidades; o cotidiano de trabalho e as sociabilidades de rua, nos becos, nos bares, nas esquinas e calçadas no Rio de Janeiro. Andar e ver descortina as dinâmicas do viver nas ruas e as complexidades urbanas subjacentes. Sua narrativa preenche de gente, de cores, de cheiros e de sons; descobre cenários públicos marcados pela efemeridade dos movimentos de alteridades plurais. A descrição minuciosa e sensível de um bairro em transformação no Rio de Janeiro (Lapa) nos desafiou a olhar “nosso próprio quintal”, em busca do impacto das “intervenções artísticas”, legalizadas e clandestinas, pintadas nos muros e fachadas das construções dos lugares percorridos. As interações, as percepções e os conflitos que marcam o cotidiano nesses territórios têm dinâmicas diferenciadas, que nos motivam a refletir e a interpretar este mundo sensível.

Há uma transversalidade temática que nos aproxima: as transformações urbanas narradas por interlocutores, personagens e andarilhos. Observamos as marcas destas experiências urbanas inscritas em muros, tapumes, paredes de casas e edifícios, pontes e viadutos, que, dia após dia, configuram a cidade. No exercício da etnografia de rua, deslocamos nossos corpos, nossos olhares e nossas escutas; deixamos nossos movimentos impressos no concreto como fluxos expressivos. Registramos desenhos, grafismos e cores, ambientados por vozes, sons e ruídos. Que polifonia estrondosa!

Além de contar sobre nossa oficina, gostaríamos de te fazer um convite: se tiveres a oportunidade de retornar a Porto Alegre, procura-nos; com muito prazer te iremos conduzir pelas territorialidades que percorremos: o Quarto Distrito, a zona desindustrializada e “decadente” da cidade, as cercanias marcadas pelo patrimônio envelhecido; a prostituição presente nas ruas ou nas pequenas boates; o trânsito de moradores de rua e os sinais de revitalização dos espaços construídos ou reconstruídos.

The ethnographic style of the “invention of the feminine” is a strong reference for us. The style is unpretentious and involving. It portrays the experience of transvestites, the construction of their identities; their daily work and the sociabilities of the street, in alleys, bars, corners and sidewalks of Rio de Janeiro. Walking and observing reveals the dynamics of living in the streets and the subjacent urban complexities. Your narrative is rich with people, colors, smells and sounds; it discovers public sceneries marked by the ephemerality of the movements of plural alterities. The detailed and sensitive description of a neighborhood in transformation in Rio de Janeiro (Lapa) challenged us to look at “our own backyard”, in search of the impact of “artistic interventions”, both legalized and clandestine, painted on walls and facades in the places where we walked. The interactions, perceptions and conflicts that mark daily life in these territories have distinct dynamics, which motivate us to reflect on and interpret this sensitive world.

There is a thematic transversality that approximates us: the urban transformations narrated by interlocutors, characters and wanderers. We observe the marks of these urban experiences inscribed on walls, construction site fencing, houses and buildings, bridges and highways, which reconfigure the city each day. In the exercise of the ethnography of the street, we move with our bodies, our looking and our listening; we leave our movements printed on the concrete as expressive flows. We register designs, writings and colors, surrounded by voices, sounds and noises. What a resounding polyphony!

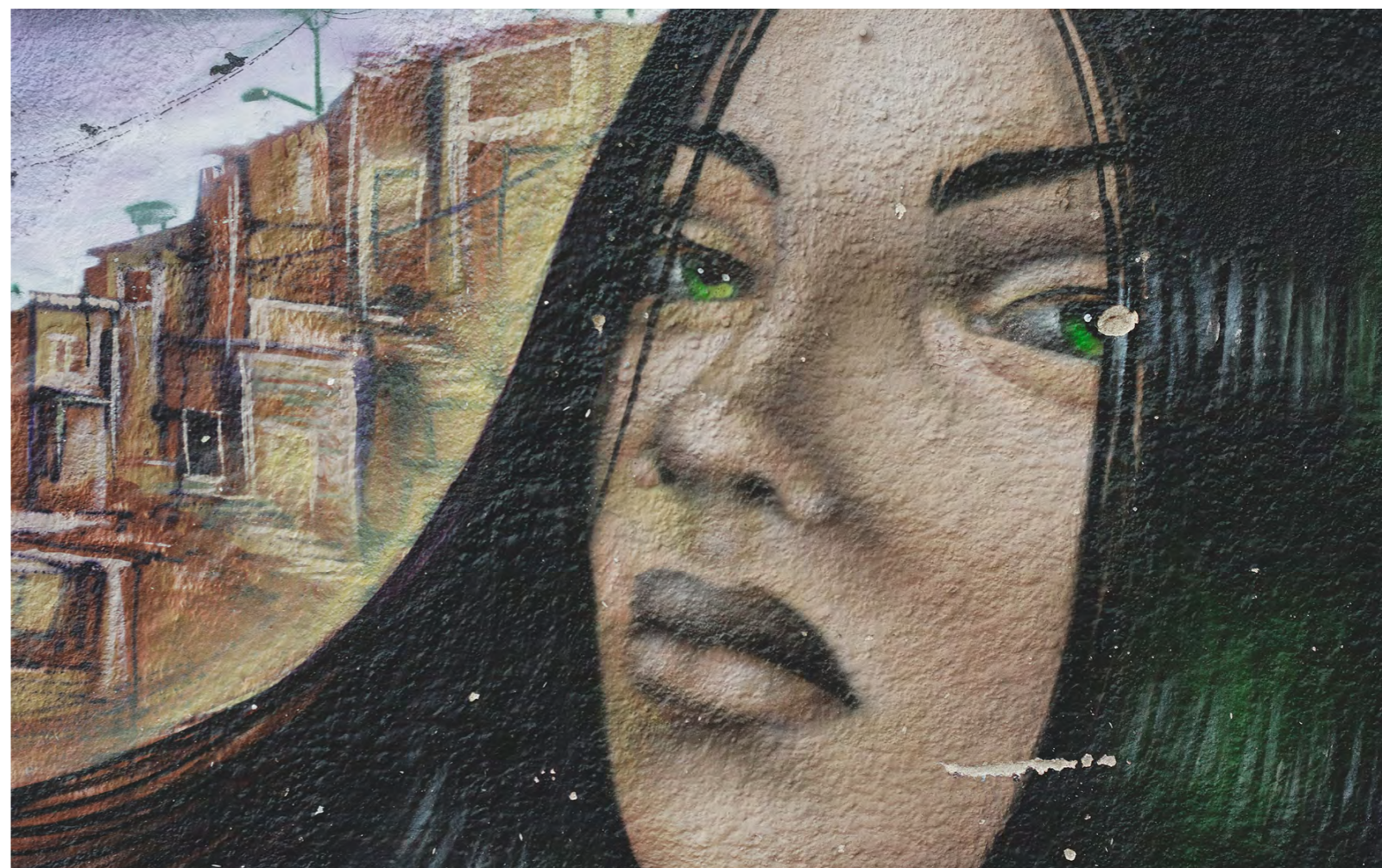
In addition to telling you about our workshop, we would like to offer an invitation: if you have the opportunity to return to Porto Alegre, visit us; it would be a great pleasure to take you to the territorialities we walked through: the Quarto Distrito, the deindustrialized and “decadent” zone of the city, the surroundings marked by the aging buildings; the prostitution in the streets or in small bars; the movement of the homeless and the signs of revitalization of the spaces constructed or reconstructed.

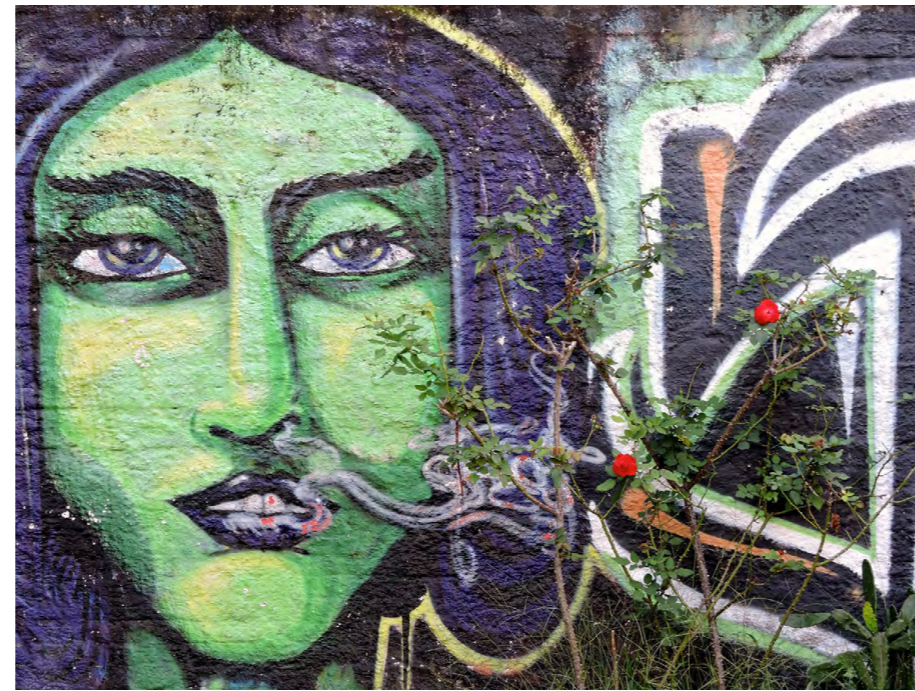
Sim, a região tem sido privilegiada pelas intervenções mais recentes do poder público e tem aparecido na agenda política local em processos de requalificação urbana. Poderíamos fechar nossa caminhada com uma cerveja gelada nos bares da Cidade Baixa, bairro boêmio frequentado pelos moradores locais, ou no Mercado Público, situado no Centro Histórico da capital, referenciado como lugar de destaque da ancestralidade negra da cidade. Mandamos algumas imagens que por si só relatam o percurso trilhado nas ruas de um porto nem tanto alegre, mas que muito nos afeta pela duração das camadas de tempo que se sobrepõem. Esperamos que as imagens que colecionamos de algum modo te sensibilizem. Compartilha essas fotografias; faz delas mais que um registro; que assumam a forma de um convite, que provoquem, em quem as vir, o desafio de narrar as cidades.

Um abraço da equipe do Navisual

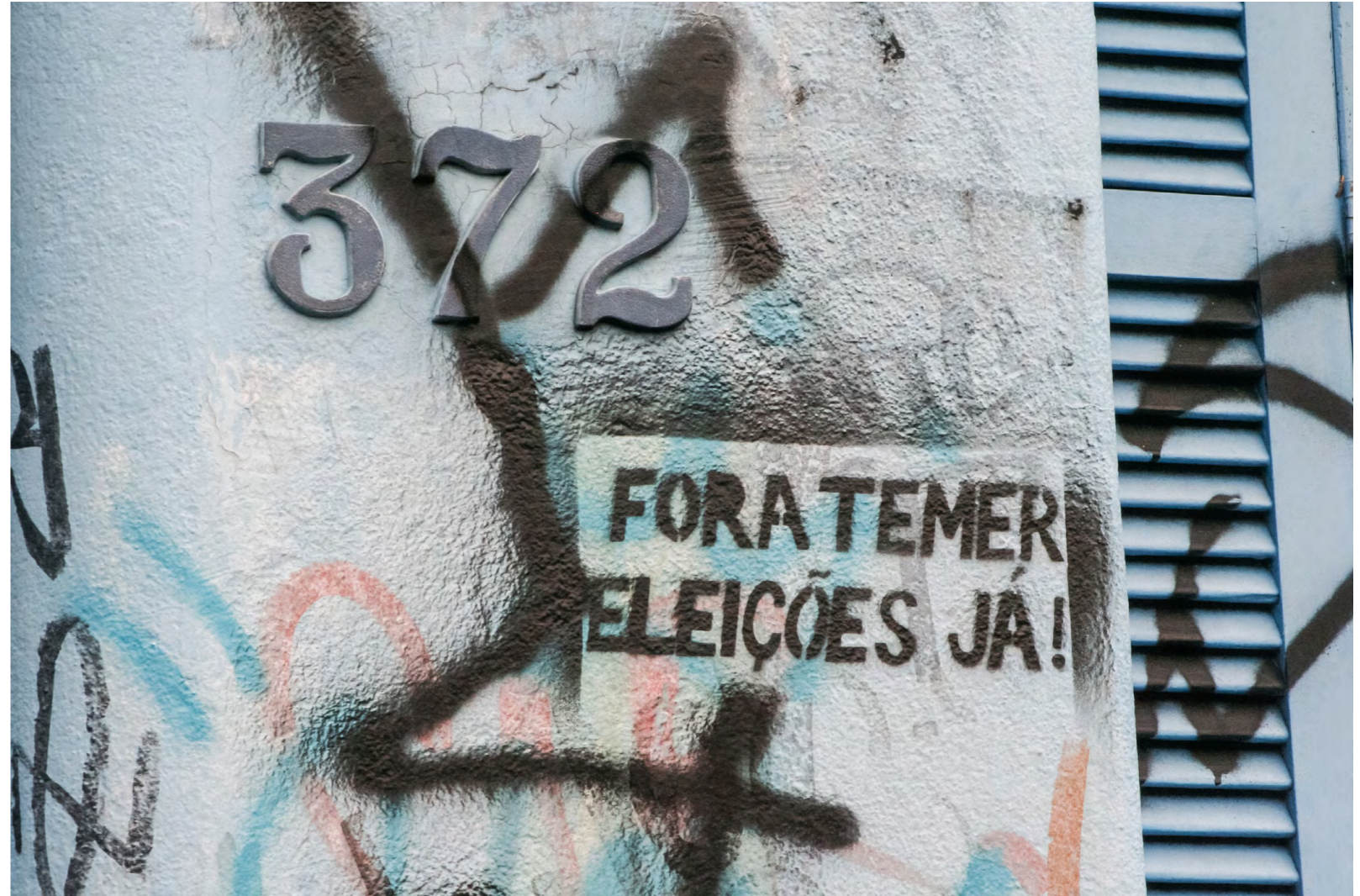
Yes, the region has been supported by recent interventions of public policies and has appeared on the local political agenda in processes of urban requalification. We can conclude our walk with a cold beer in the bars of the Cidade Baixa, a bohemian neighborhood enjoyed by the local residents, or at the Public Market, located in the of Historic Downtown of the state capital, which has roots in the black ancestry of the city. We send some images that on their own tell of the route traveled in the streets of a port that is not so joyful, but which affects us deeply by the duration of the overlapping layers of time. We hope that the images that we collect touch you in some way. Share these photographs; they are more than a register. They are a type of invitation designed to provoke in those who see them the challenge of narrating the cities.

A big hug from the people at Navisual















Referências

- BENJAMIN, W.** O flâneur. In: Walter Benjamin: Obras escolhidas. São Paulo: Editora Brasiliense, v. 3, 1989.
- CAMPOS, R.** A Arte Urbana enquanto “outro”. *V!RUS*, São Carlos n. 9 [online], 2013.
- CAMPOS, R.** A pixelização dos muros: graffiti urbano, tecnologias digitais e cultura visual contemporânea. Porto Alegre: Revista FAMECOS, v. 19, n. 2, pp. 543-566, maio/agosto, 2012.
- CAMPOS, R.** Porque pintamos a cidade? Uma abordagem etnográfica ao graffiti urbano. Lisboa: Fim de Século, 2010.
- DE CERTEAU, M.** A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C.** Etnografia de rua. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.
- MAGNANI, J. G. C.** Festa no Pedaco. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- MAGNANI, J. G. C.** Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 1996.
- PÉTONNET, C.** A observação flutuante: exemplo de um cemitério parisiense. Traduzido por Soraya Silveira Simões. *Antropolítica*, n. 25, p. 99-111, 2008.
- SILVA, H. R. S.** Travesti, a Invenção do Feminino. Rio de Janeiro,. Relume-Dumará, ISER, 1993.
- SILVA, H. S. & MILITO, C.** Vozes do Meio Fio. Editora Relume & Dumará, Rio de Janeiro: 1994
- WHYTE, W. F.** Sociedade de esquina. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CARTAS AOS NARRADORES
URBANOS: ETNOGRAFIA DE RUA
NA PORTO ALEGRE DAS
INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS

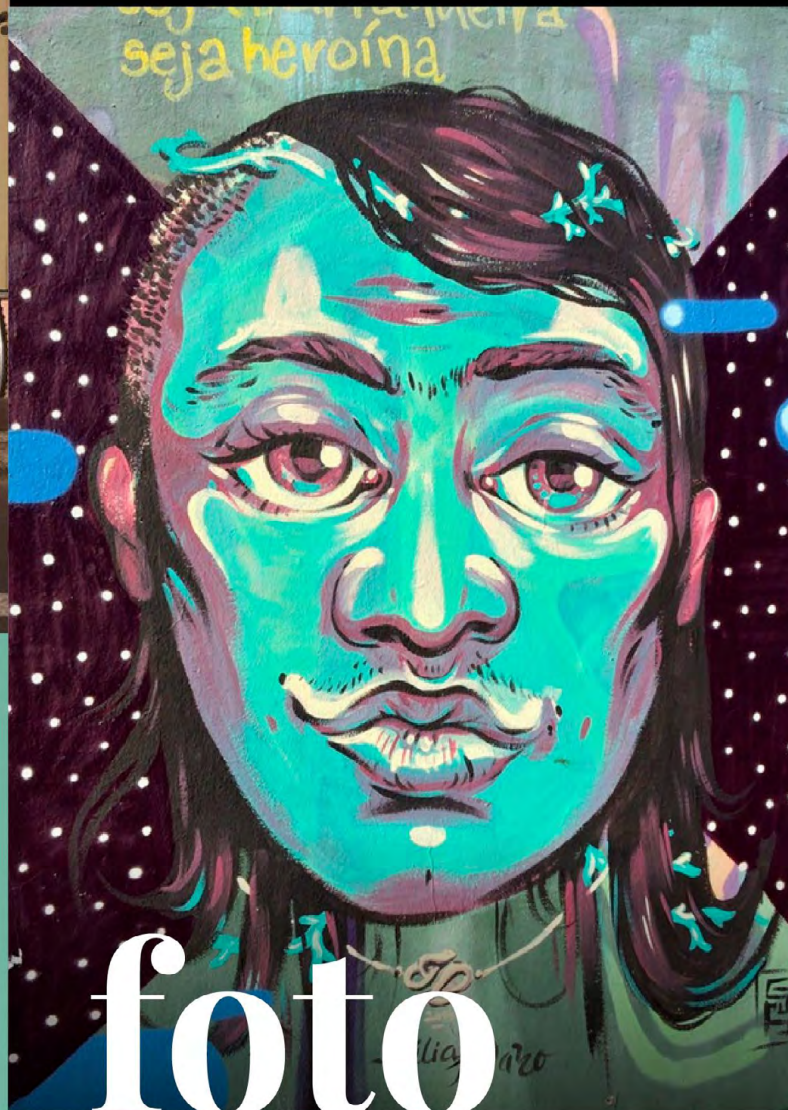


foto
crono
grafias

ACESSE EM [MEDIUM.COM/FOTOCRONOGRAFIAS](https://medium.com/fotocronografias)